

MURILO MARCEL BUFFA MEIRA

**A ESTRUTURA CLUBÍSTICA DO CÍRCULO MILITAR DO
PARANÁ E O FLUXO DE ATLETAS DO VOLEIBOL**

Monografia apresentada como requisito parcial
para a conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
Universidade Federal do Paraná.
Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior.
Co-orientador: Prof. Juliano de Souza.

**CURITIBA
2010**

"Aprender é a única coisa de que a mente
nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se
arrepende"

(Leonardo da Vinci)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus...

Aos meus pais Amauri e Shirley pelo exemplo de educação e caráter.

A minha namorada Camila, companheira para todas as horas.

A tia Leni, companheira de batalha e grande incentivadora.

As minhas avós Iolanda e Lucy.

Ao meu avô Raul, o qual dedico esse trabalho especialmente a você “vô Lulo”, onde você estiver!

Aos meus médicos Dr. Fabrício e Dr. Luiz Antônio por toda a ajuda e competência.

Aos demais parentes queridos.

Aos mestres que me ajudaram muito em toda a minha caminhada.

Ao Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior pela paciência, orientação e exemplo de profissional.

Ao Prof. Ms. Juliano de Souza por toda a ajuda e orientação.

Aos colegas do grupo de estudo, os quais me ajudaram durante o processo de construção do trabalho.

Aos amigos queridos que sempre estiveram ao meu lado e me ajudaram em mais uma fase de minha vida. Marcus Luquetta, Guilherme Gava, Leonardo Neitzke, Marcos Ferreira Filho, Daniel Bahia, Diogo Maoski, Marcos Vínícios Rocha, Everton Bertollo, Everton Siqueira, Emmanuel China, Jader Jazar, Suellen Senna, Ana Carolina, Stephane Dib, Esthela Bertaia, Aryanne Lell, e Tathiana Jardim por toda a ajuda na construção do presente trabalho.

Meu sincero e verdadeiro obrigado.

RESUMO

O tema desse estudo trata-se da saída dos atletas de voleibol da cidade de Curitiba para outras equipes de outros estados, e se as formas de organização e gestão dos clubes da modalidade, tendo como foco a organização das categorias, administração dos recursos contribui nesse “êxodo”. O foco principal é o estudo de caso da equipe masculina do Círculo Militar do Paraná e sua forma de administração e gerenciamento das categorias do voleibol. O estudo é classificado como qualitativo, optando-se por uma pesquisa descritiva de caráter exploratório na qual se utilizará de levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram (ou tem) experiências práticas com o problema pesquisado e a análise de exemplos que possam estimular a compreensão. Pelo fato do voleibol tratar-se de um fenômeno inserido dentro do contexto social contemporâneo, preferiu-se desenvolver um estudo de caso, pois o tipo de questão levantada pela pesquisa é por qual motivo ocorre essa saída dos jogadores, caracterizando assim uma observação detalhada sobre um determinado acontecimento. Assim os procedimentos técnicos para execução do estudo serão através de pesquisas bibliográficas e documentais, acesso a documentos e entrevistas com atletas, materiais específicos resgatados em jornais, sites e revistas, adquirindo assim um maior conhecimento sobre a administração do clube Círculo Militar do Paraná e a influência dessa administração na saída de atletas para outros estados. Dessa maneira os atletas deixam o Círculo Militar do Paraná por não enxergarem sequência nas suas carreiras e pelo clube não apresentar uma equipe profissional, os atletas vão para outras equipes em busca de independência financeira e realização do sonho de se tornar um atleta profissional de voleibol.

Palavras-chave: Voleibol; Administração; Clubes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Títulos nacionais de voleibol masculino por Estado desde 1976.....	7
Figura 2: Títulos nacionais de voleibol feminino por Estado desde 1976.....	7
Figura 3: Modelo de organograma de um clube sócio-esportivo.....	19
Figura 4: Ano de chegada do voleibol em alguns países.....	22

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Classificação das categorias a partir da faixa etária.....	38
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1 - GESTÃO DE CLUBES SOCIO-ESPORTIVOS NO VOLEIBOL	14
1.1 FORMAS DE ADMINISTRAÇÃO	14
1.2 VOLEIBOL.....	20
1.3 CLUBES SÓCIOESPORTIVOS	27
CAPÍTULO 2 – A ADMINISTRAÇÃO DO VOLEIBOL MASCULINO NO CLUBE CÍRCULO MILITAR DO PARANÁ	34
2.1 DESCRIÇÃO DO CLUBE CÍRCULO MILITAR DO PARANÁ.....	34
2.2 DESCRIÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DAS CATEGORIAS DO VOLEIBOL NO CÍRCULO MILITAR DO PARANÁ.....	37
2.3 O FLUXO DE ATLETAS DO VOLEIBOL CURITIBANO PARA OUTROS SUBCAMPOS: DESCRIÇÃO DE ALGUMAS TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS	58

INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo e o início da era moderna, o esporte tornou-se um espaço de lutas por interesses tanto de ordem simbólica quanto material. Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983) é preciso inserir determinada modalidade esportiva em um espaço de práticas sociais denominadas de campo, a fim de compreender as relações estabelecidas pelos agentes sociais no interior desse universo.

O voleibol como modalidade que faz parte do campo esportivo brasileiro obteve seu maior desenvolvimento nos anos 1980, quando a mídia começou a promover tal atividade como espetáculo dando mais ênfase para a modalidade através da cobertura de jogos e transmissões (MARCHI JÚNIOR, 2004; 2005). Com a popularização dos esportes e suas competições a mídia aproximou-se do campo esportivo, percebendo a nova possibilidade de inserção nesse campo. Deste modo, o voleibol brasileiro foi crescendo nas competições alcançando novos marcos históricos, tais como a conquista da medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984 onde a seleção masculina perdeu na final para os Estados Unidos, tendo vencido os norte-americanos, porém, na fase classificatória. Na década de 90 o voleibol brasileiro continuou crescendo cada vez mais chegando à conquista da medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 1992 em Barcelona também com a seleção masculina. Essa condição é reforçada no seguinte trecho:

O voleibol é o segundo esporte mais praticado no Brasil. As recentes conquistas das seleções brasileiras e o patrocínio de grandes empresas fizeram com que sua popularidade crescesse de maneira considerável na última década. Sua prática ocorre tanto na forma recreativa e de lazer, quanto profissional (BOJIKIAN, 1999, p. 1).

Com a evolução do voleibol e as conquistas, o número de praticantes e adeptos da modalidade cresceu consideravelmente. Com tal evolução, foi necessário que as confederações, federações e clubes modificassem as formas de organização para que os esportes acompanhassem as mudanças no campo social. Assim as instituições esportivas foram criando formas próprias de administração, sendo o voleibol incluso nesse processo, pois apresentou grande destaque e poder de organização tornando-se uma referência nesse quesito para outros esportes seja nacionalmente ou internacionalmente. Sobre a evolução do voleibol Daiten et al.(apud PIRIS, BINI, FERNANDES e SETTI, 2009, p.3) afirma que:

O voleibol vem sendo praticado por cerca de 800 milhões de adeptos com diferentes habilidades e faixas etárias e é considerado pela Federação Internacional de Voleibol um dos mais populares do mundo. No Brasil ele é o segundo esporte mais praticado (DAITEN et al., apud PIRIS, BINI, FERNANDES e SETTI, 2009, p.3).

Essa popularização do voleibol se deu devido às conquistas das seleções brasileiras em diversas categorias. Com estas conquistas, a mídia começou a dar mais ênfase ao voleibol e as grandes empresas resolveram investir em patrocínio. Isto proporcionou ao público um maior envolvimento com tal modalidade.

Através dessa forma de organização e das conquistas, o voleibol brasileiro conseguiu consolidar-se como o segundo esporte mais popular no país. Assim, a modalidade foi dividida em áreas de gerenciamento, tornando-se mais organizada. Tal organização foi um exemplo de sucesso, que se reflete no fato de que o Brasil, atualmente, possui seleções fortes e competitivas em todas as categorias masculinas e femininas e um campeonato nacional organizado, disputado por várias equipes compostas por alguns atletas da seleção brasileira, como Giba e Rodrigão, atletas da equipe do Pinheiros de São Paulo, Lucão e Mario Jr, atletas da equipe Vôlei Futuro, entre outros.

Por sua vez, o voleibol paranaense e curitibano, também apresentou um crescimento. A última equipe a disputar uma edição de Superliga foi a equipe Rexona/Ades¹ que mudou sua sede para o Rio de Janeiro em 2003/2004. Com a saída da equipe feminina Rexona/Ades, a cidade de Curitiba e o estado do Paraná desde então não possuem representantes na Superliga feminina. Já na Superliga masculina os últimos representantes do estado foram Uniamérica/Foz do Iguaçu e Cocamar/Maringá na temporada 2007/2008. O voleibol curitibano e paranaense não se encontram no mesmo estágio dos demais estados que apresentam bons resultados no voleibol brasileiro, como São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Como podemos observar nas tabelas abaixo a diferença de títulos entre os estados que mais ganharam o campeonato nacional tanto no masculino quanto no feminino em relação ao estado do Paraná é muito grande. Enquanto que equipes masculinas do estado de São Paulo somam 14 títulos, o estado do Paraná nunca ganhou um campeonato nacional no naipe masculino. Já no naipe feminino o Paraná soma 2 títulos que foram conquistados pela equipe do Rexona quando sua sede era na cidade de Curitiba. Os estados que possuem mais títulos dentre todos no feminino são os estados do Rio de Janeiro e São Paulo que somam 14 títulos cada um.

¹ Disponível em: <<http://www.unilevervolei.com.br>> Acesso 15 mai. 2010. Na temporada 2009/2010 a equipe mudou seu nome para Unilever.

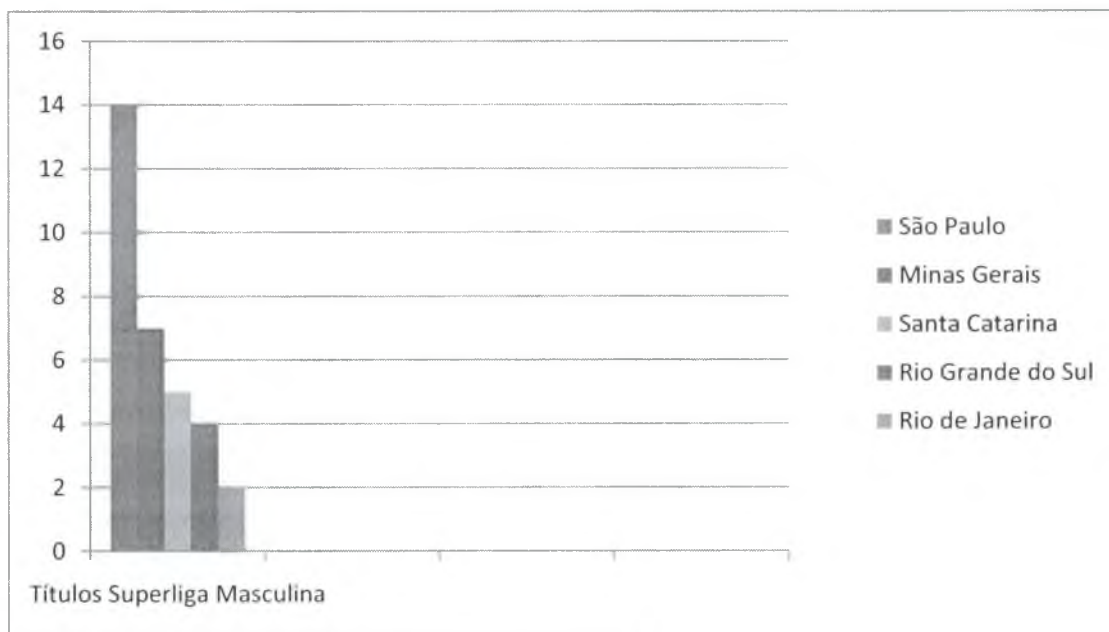


Fig. 1. Títulos nacionais de voleibol por Estado desde 1976.²

Gráfico elaborado pelo autor.

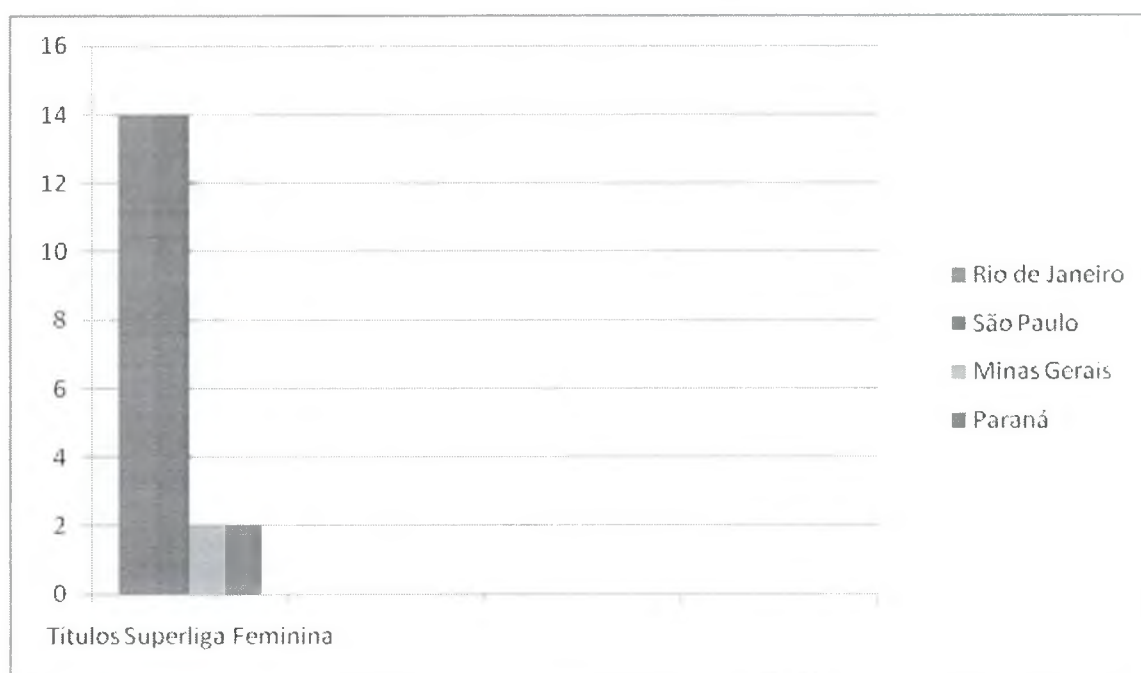


Fig. 2. Títulos nacionais de voleibol por Estado desde 1976.³

Gráfico elaborado pelo autor.

² Resultados Disponíveis em: <<http://www.cbv.com.br/historico>> Acesso 20mai. 2010.

³ Resultados Disponíveis em: <<http://www.cbv.com.br/historico>> Acesso 20mai. 2010.

O voleibol é praticado nos clubes que visam o alto nível seguindo uma lógica de rendimento e sistematização da modalidade. Devido a essa grande procura de atletas pelas equipes de alto rendimento no voleibol, a grande maioria de atletas não é aproveitada pelos clubes que possuem times em categorias adultas profissionais. Nesse sentido, vários atletas com potencial acabam sendo dispensados por falta de vagas ou pela própria falta de equipes.

Por não apresentar nenhuma equipe profissional na cidade de Curitiba, muitos atletas de voleibol masculino e feminino se dirigem ao Círculo Militar do Paraná. Nesse espaço, os atletas disputam competições nacionais e internacionais amadoras. Entretanto uma situação que ocorre no interior do Círculo Militar do Paraná é o fluxo de atletas que se destacam nas categorias de base para equipes de outros estados ou cidades.

Sendo assim, o tema a ser abordado nesse estudo trata das formas de organização e gestão do clube Círculo Militar do Paraná na modalidade de voleibol, tendo como foco a organização das categorias, administração e aplicação dos recursos, bem como a leitura de que se tais fatores estão relacionados com esse fluxo dos atletas. Embora o conhecimento histórico seja importante para o entendimento dos processos de administração e gerenciamento do voleibol de Curitiba, é importante que se desenvolva um estudo de caso específico do clube analisando não só documentos históricos, mas sim dados vivenciados por atletas e funcionários do clube. Dito em outras palavras, essa possibilidade de leitura se faz importante por introduzir, além dos documentos, fatos e episódios que acontecem no cotidiano de pessoas diretamente envolvidas com o clube e com o voleibol, o que, em última análise, torna o estudo de caso uma perspectiva relevante. Segundo afirma o jornalista Alessandro Boia (2009), foi em terras paranaenses que surgiu um dos maiores jogadores de voleibol do mundo, em todos os tempos, o ídolo Giba, além de outros atletas de destaque no cenário nacional como o oposto⁴ Samuel, sem falarmos ainda de jogadores como Luiz Felipe, Marlon, Leandrão, Moisés, Bruno e Pedro.

No entanto, os jogadores formados no voleibol curitibano acabam deixando a cidade para jogarem em outros estados. Dadas essas considerações delimitamos o seguinte problema de pesquisa:

⁴ Oposto: Posição do voleibol, também conhecida como “saída de rede” ou pela posição 2 localizada na quadra.

PROBLEMA

Nossa argumentação se constrói com a perspectiva de entender por que ocorre o fluxo de atletas do voleibol curitibano para outros estados? A organização do voleibol na cidade de Curitiba exerce alguma influência sobre esse fluxo?

HIPÓTESE

Diante do problema de pesquisa delimitado, apresentamos como hipótese do estudo que muito embora o clube Círculo Militar do Paraná tenha uma projeção de estrutura profissional de esporte e, especialmente, de voleibol, o mesmo ainda apresenta alguns traços e contornos de administração esportiva amadora que influenciam, de forma sutil e velada, a decisão dos atletas curitibanos entrevistados em deixarem o subcampo do voleibol local e partirem em busca de “novos horizontes” em outros subcampos do voleibol.

OBJETIVO GERAL

- Verificar como se organiza o voleibol no clube Círculo Militar do Paraná e se essa organização leva ao fluxo dos atletas para outros pólos de desenvolvimento da modalidade no país e no exterior.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apontar alguns indícios da administração do voleibol no Círculo Militar do Paraná;
- Descrever os agentes que compõem o Círculo Militar do Paraná e suas estruturas, como o clube, seu espaço físico;
- Realizar entrevistas com os jogadores e consultar fontes documentais a fim de melhor compreender o fluxo dos atletas.

JUSTIFICATIVA

Sempre fui admirador e atleta de voleibol, e me interesso por todos os assuntos relacionados a essa modalidade esportiva. Por ter sido atleta da equipe do Círculo Militar do

Paraná e ter contato com pessoas do clube decidi desenvolver um estudo relacionado com o tema do voleibol. Após muito tempo neste meio percebi alguns fatos que me motivaram a realizar esse estudo. Um desses fatores que me motivou a desenvolver a respectiva pesquisa foi o fato de saber o que fazia com tantos atletas de voleibol, inclusive amigos meus, deixarem a comodidade de suas vidas na Cidade de Curitiba para muitas vezes viverem em alojamentos com estrutura piores que em seus lares, muitas vezes afetando seu processo de desenvolvimento. Outro aspecto que sempre despertou meu interesse é a questão de Curitiba ser a maior cidade do estado do Paraná, sendo assim o maior pólo social e econômico do estado e não apresentar nenhuma equipe profissional de voleibol. Esse trabalho se faz importante, pois se trata de um estudo sobre uma das modalidades esportivas mais praticadas no país. Desta forma o estudo se torna essencial para futuras pesquisas acadêmicas sobre o tema, podendo ser útil para análises na área de administração e gestão esportiva. O estudo pode vir a contribuir com a discussão estrutural sobre o esporte de rendimento no Paraná e na cidade de Curitiba.

PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para melhor apresentar os procedimentos metodológicos e teóricos da pesquisa a mesma terá a seguinte divisão: (1) Tipo de Pesquisa e Instrumentos; (2) Amostragem e Coleta de Dados; (3) Concepção Teórica para Análise dos Dados; (4) Estrutura dos Capítulos.

1. Tipo de Pesquisa e Instrumentos

A abordagem desse estudo é classificada como qualitativa, pois terá como instrumento fundamental a compreensão, interpretação e descrição das pessoas, lugares e fenômenos enfocados no processo. A pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995), mencionado por Neves (1996, p.1), não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, mas envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

De acordo com Brandley (1993), citado por Neves (1996, p.4), é recomendado o uso de quatro critérios para evitar problemas de confiabilidade e validação dos resultados de estudos qualitativos, sendo eles: a conferência da credibilidade do material investigado, o

cuidado com a fidelidade no processo de transcrição que precede a análise, a consideração dos elementos que compõem o contexto e assegurar a possibilidade de confirmação posterior dos dados pesquisados.

No estudo optou-se por uma pesquisa descritiva de caráter exploratório que, de acordo com Gil (1999), utiliza levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram (ou têm) experiências práticas com o problema pesquisado e a análise de exemplos que possam estimular a compreensão.

Pelo fato do voleibol se tratar de um fenômeno inserido dentro do contexto social contemporâneo, será realizado um estudo de caso, pois o tipo de questão levantada pela pesquisa é por qual motivo ocorre essa saída dos jogadores, caracterizando assim uma observação detalhada sobre um determinado acontecimento. Pois assim poderei esclarecer e aprofundar meus conhecimentos nesse campo, cujos limites não estão claramente definidos, descrevendo a situação do contexto em que está sendo desenvolvida determinada investigação, proporcionando uma visão capaz de identificar possíveis fatores que influenciam o objeto de estudo ou são influenciados por ele.

Assim os procedimentos técnicos para execução do estudo serão através de pesquisas bibliográficas e documentais, acesso a documentos e entrevistas com atletas, técnicos e dirigentes, materiais específicos resgatados em jornais, sites e revistas, visando adquirir um maior conhecimento sobre a administração do clube de voleibol da cidade de Curitiba/PR e a influência dessa administração no fluxo de atletas para outros estados.

2. Amostragem e Coleta de Dados

Os sujeitos selecionados para a realização da pesquisa de campo são atletas profissionais de voleibol, do sexo masculino, residentes em São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte. Esses sujeitos foram selecionados devido ao fato de serem naturais de Curitiba e terem jogado nas categorias de base da equipe do Círculo Militar do Paraná, posteriormente transferindo-se para equipes do voleibol Paulista, Catarinense e Italiano.

O roteiro de entrevista está estruturado a partir das três perguntas apresentadas abaixo:

1. Fale sobre sua experiência com voleibol no Clube Círculo Militar do Paraná.
2. Comente sobre sua transferência do voleibol curitibano para o lugar onde treina hoje.
3. Como você poderia relacionar a estrutura do Círculo Militar do Paraná e do seu atual clube?

3. Concepção Teórica para Análise dos Dados

Dadas a amplitude de relações visualizadas nesse universo empírico em questão (voleibol curitibano) e as constantes lutas travadas entre os agentes no sentido de definir suas posições nesse universo, foi delimitado como referencial de análise a teoria do campo esportivo de Pierre Bourdieu.

Segundo Souza e Marchi Júnior (2010) existem três pontos de sustentação teórico-metodológicos para estudar o esporte a partir de Bourdieu. São eles: a reflexividade epistemológica; o papel do conhecimento histórico nas análises sociológicas do esporte e a orientação do consumo esportivo no sentido de consolidação de um espaço social associado à lógica da distinção. Esses desdobramentos reunidos compõem aquilo que Bourdieu chamou de sociologia reflexiva e os autores chamaram de sociologia reflexiva do esporte.

Como a presente pesquisa baseia-se na sociologia reflexiva esportiva usarei como recorte teórico-metodológico a teoria dos campos do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Dentro da teoria dos campos existem vários espaços onde as lutas são travadas. Nesse estudo os espaços centrais para análise são: campo esportivo, subcampo do voleibol e estrutura.

O conceito de campo será usado para delimitar o universo empírico e o conceito de capital para que se obtenha o entendimento de como se constituem as relações entre os agentes. As falas desses agentes podem se constituir como um indício de transformação estrutural dos *habitus* dos atletas de acordo com a transferência de um subcampo do voleibol para outro.

4. Estrutura dos capítulos

O capítulo 1 do presente estudo pretende reconhecer a gestão de clubes sócio-esportivos e sua organização. A pesquisa será feita por meio de revisão de literatura em estudos e trabalhos existentes nessa área.

O segundo capítulo tratará da administração do voleibol masculino no clube Círculo Militar do Paraná, suas formas de administração e como o voleibol é desenvolvido no clube. A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, pois o foco central nesse capítulo será o Círculo Militar do Paraná. Será feita a descrição do clube e das categorias de voleibol em geral, além de um levantamento através de documentos sobre a forma de administração das categorias de voleibol do clube. No subcapítulo intitulado como “Fluxo de atletas do voleibol curitibano para outros subcampos: descrição de algumas trajetórias individuais” será apresentada uma análise sobre os dados levantados e coletados anteriormente. Assim

pretende-se estabelecer uma relação entre os dados do capítulo 1 e 2 e as entrevistas realizadas com atletas para que haja a conclusão e uma resposta para a pergunta problema.

CAPÍTULO 1 - GESTÃO DE CLUBES SÓCIOESPORTIVOS NO VOLEIBOL

1.1 FORMAS DE ADMINISTRAÇÃO

No presente capítulo iremos abordar alguns conceitos administrativos, passando rapidamente por seu histórico, buscando formas de classificação e traços de profissionalismo e amadorismo na administração clubística. Para desenvolvimento do mesmo, o referencial teórico utilizado será baseado nos autores Chiavenato (1997), Matos e Pires (2006) além de outros autores.

Para Azevêdo (2007, p.5) administração é:

A interpretação dos objetivos propostos pela organização e a transformação destes em ação coletiva, através do planejamento, organização, direção, controle e comunicação de todos os esforços realizados nas diversas áreas e níveis do grupo, afim de alcançar as metas da maneira mais adequada à situação (AZEVEDO, 2007 p.5).

Administrar, portanto, é a soma de ações de um grupo em diferentes áreas com o intuito de se alcançarem as metas previamente estabelecidas, a partir de um planejamento, com divisão de tarefas onde existe organização, foco e controle das ações. Essa divisão se torna essencial para que nenhuma área fique sobrecarregada e para que todos os diferentes ramos envolvidos possam apresentar melhor resultado.

Nesse caso, quanto mais complexa for a atividade administrativa desenvolvida pela instituição, maior será a necessidade de aprofundamento nos conhecimentos da ciência administrativa (SOUZA, 2008).

A administração segundo Chiavenato (1997) tornou-se uma ferramenta essencial para a condução da sociedade moderna. Deste modo a administração não é vista como um fim em si mesma, mas um meio de fazer com que as coisas ocorram e se desenvolvam da melhor forma, com um custo baixo e com a maior eficiência possível, ou seja, cabe a administração garantir o êxito dos objetivos determinados anteriormente unindo melhor a eficiência e o custo mais baixo.

Segundo Matos e Pires (2006) os primeiros estudos sobre as Teorias de Administração surgiram no final do século XIX e início do século XX. Nessa época apareceram trabalhos tratando da administração com o objetivo de racionalização do trabalho.

A primeira teoria que surge é a Teoria de Administração Científica que para Matos e Pires (2006) foi iniciada por Frederick W. Taylor (1856-1915), a qual se fundamentava na máxima produtividade, ou seja, concentrada na tarefa, na racionalização, na redução dos tempos de execução. Nesta teoria propunham-se incentivos salariais e prêmios partindo do pressuposto que as pessoas são motivadas exclusivamente por interesses salariais e materiais.

Logo após surge a Teoria Clássica de Administração idealizada por Henry Fayol. Segundo Matos e Pires (2006), esta teoria vem para completar a teoria de Taylor e se caracteriza pela ênfase na estrutura que a organização deve possuir para ser eficiente. O objetivo de ambas as teorias acaba sendo o mesmo: a busca da eficiência das organizações. Fayol dá ênfase à direção da empresa cuidando particularmente das funções e operações no interior da mesma, sendo a visão clássica das funções do administrador: organizar, planejar, coordenar, comandar e controlar.

A partir das teorias desenvolvidas por Taylor e Fayol surgiram várias outras, com o intuito de aprimorar a administração e suas teorias anteriores. Citaremos abaixo algumas delas que podem ser usadas ou possuem semelhanças com a administração implantada nos clubes esportivos.

Na teoria de Weber, segundo Matos e Pires (2006), há uma cadeia de comando com responsabilidades, deveres e privilégios específicos. As decisões, por sua vez, são guiadas por regras, disciplina e controle e os procedimentos são aplicados de modo uniforme e imparcial.

De acordo com Matos e Pires (2006) o Movimento das Relações Humanas surge da crítica à Teoria da Administração Científica e a Teoria Clássica. A Teoria das Relações Humanas trouxe novas perspectivas para a administração, visto que buscava conhecer as atividades e sentimentos dos trabalhadores e estudar a formação de grupos. A partir de então que começa-se a pensar na participação dos funcionários na tomada de decisões e na disponibilização das informações acerca da empresa a qual eles trabalhavam.

Já a Teoria dos Sistemas foi proposta pelo biólogo Ludwig von Bertalanffy para tentar responder a complexidade dos organismos vivos. O Sistema é um conjunto de elementos que interagem. Elementos estes que formam um todo unitário com determinado objetivo e efetuam determinada função (MATOS E PIRES, 2006).

No início dos anos 80 as alternativas de administração foram ganhando força e com isso foram sendo criadas novas abordagens de administração. Matos e Pires (2006, p. 510) afirmam que:

A partir dos anos 80 alternativas administrativas, de gestão e organização do trabalho que estão associadas, freqüentemente, à superação dos modelos taylorista/fordistas de organização do trabalho, na medida em que podem favorecer a participação dos trabalhadores nos processos de tomada de decisão. Enfatizam a cooperação; a valorização de grupos de trabalho; a diminuição de níveis hierárquicos; autogerenciamento por setores e áreas; delegação de tarefas, responsabilidade compartilhada e transparência nas decisões (MATOS E PIRES, 2006, p.510).

Portanto, para que uma administração seja bem desenvolvida é essencial que a mesma apresente fatores como organização, planejamento, direção e controle dos objetivos e métodos a serem utilizados. Para Da Costa (1979), planejamento é a ação antecipada de determinar o que se faz necessário para que a tarefa obtenha sucesso. O planejamento é um processo utilizado para adaptação de mudanças e redução de incertezas, ou seja, é uma maneira desenvolvida para que seja traçado o caminho até a meta desejada com o menor número de percalços e menor risco de erros.

Jucius e Schlender (1976, apud BRASIL, 1985, p. 62) definem planejamento como sendo:

A função administrativa de determinar antecipadamente que grupo de indivíduos deve fazer o que, e como as metas devem ser atingidas. Ele estabelece metas, métodos para que elas sejam atingidas, e quais os recursos necessários para isso. É uma função através da qual se programa antecipadamente o trabalho que será eventualmente feito. Cada nível de uma organização toma o planejamento do nível que lhe está acima e, ou converte os planos para o nível que lhe está abaixo, ou aplica os planos como eles foram traçados. O planejamento é o passo original da tomada de decisão administrativa (JUCIUS E SCHLENDER, 1976, apud BRASIL, 1985, p. 62).

Desse modo o planejamento se faz importante para a execução de um projeto que contenha metas a serem alcançadas, pois este determina os objetivos a serem atingidos, os métodos que serão utilizados, a divisão dos grupos de tarefas e quais as funções de tais grupos, tudo isso tendo como foco o objetivo inicial proposto.

Em seguida ao planejamento vem à organização, a qual tem como foco organizar o planejamento para que o mesmo obtenha melhor desenvolvimento possível, atingindo assim o seu objetivo da melhor forma. Para Jucius e Schlender (1976, apud BRASIL, 1985) a organização monta a máquina que será dirigida e controlada na execução dos planos estabelecidos. Deve-se, portanto, de maneira escalar, primeiramente desenvolver um planejamento e uma maneira de organização, e posteriormente a essas etapas, maneiras de direção e controle.

Os recursos disponibilizados em uma organização podem ser classificados em: humanos, materiais e financeiros. O recurso humano deve ser recrutado por um bom gerente, esse deve ter capacidade para escolher sua equipe e designar os indivíduos para as funções necessárias. Os materiais são os equipamentos, máquinas, instalações entre outros que serão utilizados nessa tarefa. Por último o recurso financeiro, que sustenta todo o projeto, incluindo gastos com investimentos e manutenção além de remunerações aos funcionários (DA COSTA, 1979).

Dessa maneira a organização é composta por esses três recursos. Sem um deles não existe alguma maneira de desenvolver um planejamento, pois estão diretamente ligados. Sem funcionários as tarefas não são executadas e para que os funcionários as executem, é preciso de materiais e verbas. Estas por sua vez são necessárias para o pagamento de funcionários e manutenção de materiais e espaço físico.

Para que a organização seja executada é necessário outro fator, denominado de direção. Através da direção é que os objetivos são realmente postos em prática traçando assim o planejamento. A direção é vista como uma liderança sobre um grupo de pessoas, tendo em vista que é ela que define os objetivos e traça metas para que as mesmas sejam atingidas. Com base em Brasil (1985), é através da direção que os componentes de uma organização, compreendem e cooperam para que os objetivos sejam atingidos. Segundo Kwasnicka (1981, apud BRASIL, 1985, p. 119):

O fato de elaborar planos e organizar não significam que as tarefas serão executadas e os objetivos atingidos; o objetivo da direção é ter as pessoas executando suas tarefas de modo eficiente, evitando conflitos e dispersão dos recursos disponíveis (KWASNICKA, 1981, apud BRASIL, 1985 p.119).

Após a direção, o administrador deve efetuar o controle, tratando-se da verificação do planejamento e das atividades que estão sendo realizadas. Cabe a ele comparar os objetivos e as ações, vendo se as mesmas condizem com o que foi planejado. Para BRASIL (1985, p. 127):

O controle serve para comparar o executado com o planejado. Nele, mede-se o desempenho, comparando-se objetivos e planos. Através dele, todo administrador procura se certificar de que o que esta sendo executado, corresponde ao que se tinha intenção de fazer. É, portanto, uma função administrativa primordial para qualquer nível de administração, e é essencialmente a mesma, independente do tipo de atividade (BRASIL, 1985, p. 127).

Dessa maneira fica evidente que para o objetivo inicial ser alcançado todas as fases desse processo são de extrema importância, pois uma falha ou a má execução de uma delas pode colocar todo o plano inicial a perder.

A partir de critérios definidos pelo GEPAE (Grupo de Estudos e pesquisa em Administração Esportiva - EEFEUSP), citado por Galatti (2010), a administração de atividades esportivas em clubes situa-se na categoria de Administração Geral, que engloba organizações com finalidade de administração e prática da atividade esportiva, com finalidade não lucrativa. No entanto o que se percebe é que não existe uma forma de administração que contemple toda uma estrutura de um clube e que possa servir de “modelo” para a mesma.

Em relação aos clubes e a administração dos mesmos, Ruiz (2007, p.85) afirma que:

Mesmo considerando as especificidades de cada instituição quanto à forma de funcionamento, dimensão, localização, conteúdo e serviços oferecidos aos associados, existem diversos aspectos nos quais os mesmos se assemelham como: a forma de administração, onde a mesma é composta por três níveis, sendo: estratégico, tático e operacional (RUIZ, 2007, p. 85).

Nesse caso, independente de qual seja o clube e de suas particularidades, a forma de administração é basicamente a mesma. A administração, não só de clubes, é feita de recortes de várias teorias, esses recortes condizem com o objetivo que cada instituição pretende atingir. Um exemplo seria a teoria de Weber na qual existe uma cadeia de comando com responsabilidades, deveres e privilégios específicos, ou seja, os sócios possuem responsabilidades, direitos e deveres baseados nas normativas que regem o clube. Com a criação do Movimento das Relações Humanas surge uma nova forma de administração, na qual se valoriza o sentimento dos trabalhadores, esses são divididos em grupos, com menor nível de hierarquia e um poder de decisão maior. Outro recorte que pode ser utilizado na administração dos clubes é da Teoria dos Sistemas, onde a instituição é fragmentada em vários setores e áreas, as quais interagem entre si com poder e autonomia em certas decisões.

Nessa última teoria podemos encaixar o organograma.⁵ A segmentação de áreas de tarefa numa empresa é feita através do organograma, esse por sua vez é dividido pela departamentalização. Para Da Costa (1979), um critério de divisão de departamentalização é de separar os grupos de trabalho conforme sua natureza, por exemplo, finanças, jurídico, esportes etc. Abaixo segue um exemplo de organograma de um clube.

⁵ Organograma é um conjunto de retângulos e caixas, onde são comunicados os cargos administrativos, e de linhas, através dos quais são relacionados os fluxos de autoridade da organização.

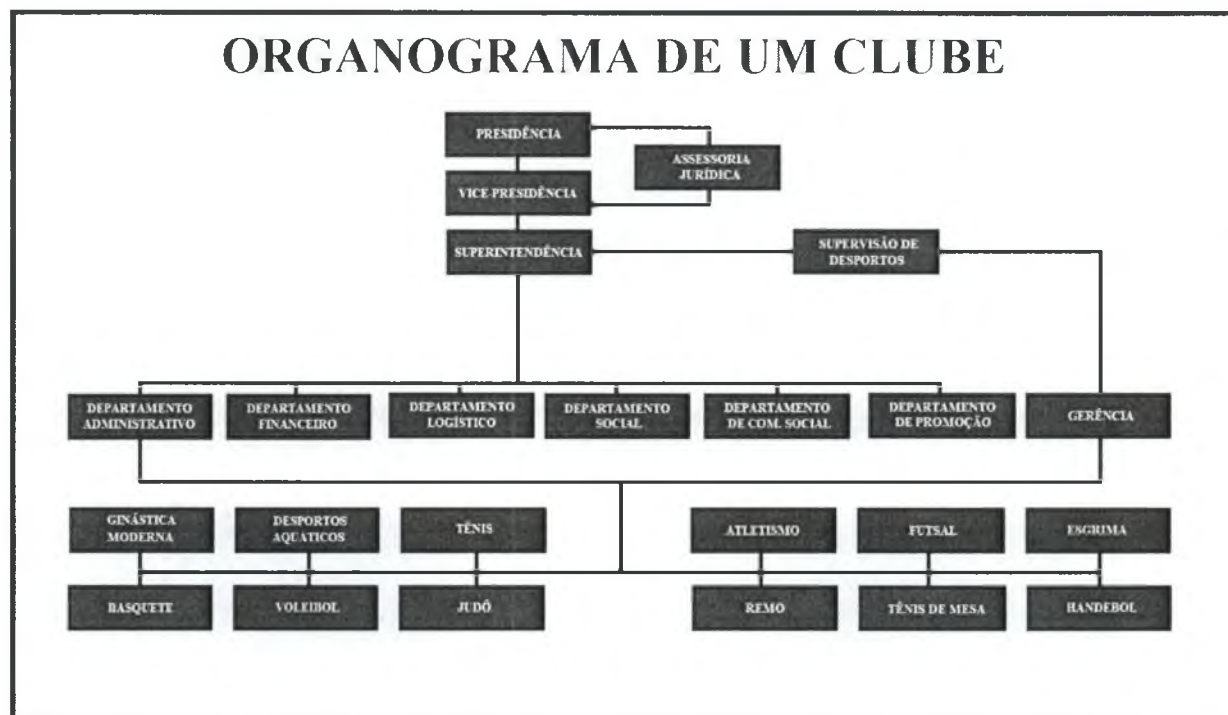


Fig 3. Organograma de um Clube Sócio-Esportivo.⁶

O organograma é um quadro detalhado onde pode-se observar todas as equipes e áreas de trabalho de uma empresa que foram subdivididas. O intuito da utilização de um organograma é o de através da segmentação de áreas e tarefas obtenha-se o melhor resultado com maior aproveitamento seja ele de custo ou tempo.

Nos clubes sócio-culturais e esportivos, segundo Libardi (2004, apud BASTOS; ET AL 2006), a administração das atividades de esportes e lazer deverá ser realizada por profissionais especializados nas áreas de rendimento, formação, condicionamento físico e eventos recreativos, o que nos leva a entender que se trata do profissional de Educação Física e esporte, não citando a necessidade de especialização em administração esportiva.

Especificamente em relação a clubes, Libardi (1999, apud BASTOS et al 2006) define o perfil do administrador esportivo como um ex-atleta, ex-técnico, ex-professor do clube, funcionário da secretaria do clube e tem algum das seguintes características de formação: profissional de Educação Física, profissional de outra área com formação superior e profissional autodidata.

Para que haja uma boa administração fica evidente que além das teorias e recortes utilizados, é necessário que exista um bom planejamento, pois esse é o primeiro passo para a

⁶ Retirado de: CAPINUSSÚ, José Maurício. *Teoria Organizacional da Educação Física e Desportos*. São Paulo: IBRASA, 1979, p. 47.

execução de uma administração sólida. A partir disso, tarefas como organização, direção e controle, também são de extrema importância. Nas últimas décadas no meio esportivo, a administração, de fato, vem crescendo consideravelmente. Esse movimento, por sua vez, deve-se à profissionalização de atletas e modalidades. No sub-capítulo a seguir iremos ver como o voleibol se organizou e passou de amador, sem maiores interesses financeiros, para os estágios de profissionalismo e espetacularização, com abertura para empresas realizarem investimentos, patrocinando assim o crescimento da modalidade.

1.2 VOLEIBOL

No presente subcapítulo iremos relatar, através de Marchi Júnior (2001) e Bizzocchi (2004), o voleibol, bem como seu surgimento, popularização e massificação como modalidade competitiva no mundo. Será abordada também a chegada da modalidade em nosso país, a transformação do esporte para sua forma atual de espetacularização, chegando até o voleibol jogado nos dias de hoje.

No ano de 1895, nos Estados Unidos, na cidade de Holyoke em Massachusetts, surge o Voleibol, conhecido como Minonette.⁷ Foi criado pelo então diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM), Willian G. Morgan (MARCHI JÚNIOR, 2001).

De acordo com Morgan o surgimento do Voleibol se deu do seguinte modo:

Em 1895 assumi a direção do departamento físico da A. C. M. de Holyoke, Massashusetts, e como o trabalho da classe dos homens de negócios se fazia cada vez mais intenso e exaustivo, senti a necessidade de alguma forma de recreação para eles. O basquetebol poderia responder plenamente às exigências dos jovens, porém, era necessário algo para os mais idosos, que não fosse tão rude e fatigante. Pensando num jogo adequado, ocorreu-me o tênis, mas o tênis requeria raquetas, bolas, rêdes e outros apetrechos, de sorte que foi pôsto de lado, conquanto parecesse aproveitável a idéia de rêde. Elevamo-la a cêrca 1,90 m do solo – justo acima da cabeça dum homem de estatura mediana. Precisávamos de uma bola, e entre as que experimentamos estava a câmara-de-ar de uma bola de cestobol, porém verificamos ser ela muito leve e não tomar velocidade; depois experimentamos uma pelota de basquetebol que se evidenciou demasiadamente pesada e muito grande. Finalmente, concluímos que precisávamos de uma pelota nas condições da atual bola de volibol, que encomendamos a A. G. Spalding & Brothers e verificamos ser satisfatória. Com o tempo, sofreu o jogo muitas modificações, mas a idéia original da rêde entre os dois quadros opostos ficou de pé. Realizou-se por êsse tempo uma conferência de diretores físicos no Y. M. C. A. College of Springfield, perante a qual fomos convidados a fazer uma exibição do jogo. Formei dois quadros, compostos cada um de cinco homens, respectivamente capitaneados pelo sr. J. J. Currane e o sr. John Lynch, e fizemos uma exibição no ginásio do colégio, a qual

⁷ Alguns autores citam o primeiro nome do voleibol como Mintonette.

acredito a todos agradou. A seguir submetemos carta branca para alterá-las [as regras] como bem entendesse. Prevendo que essas regras ensejariam a realização de muitas conferências, que se incumbiram de seu aperfeiçoamento, pusemos de lado a regulamentação do jogo e dedicamo-nos, entretanto, ao treinamento físico. Entre os que auxiliaram materialmente o desenvolvimento do jogo estavam o dr. Frank Wood e o sr. John Lynch, aos quais muito deve o voleibol (MORGAN, apud MARCHI JÚNIOR, 2001, p. 73).

Na época o esporte que estava no auge era o basquetebol, o qual era extremamente cansativo para os idosos. Então Morgan criou um esporte menos exaustivo que o basquetebol, para membros de idade mais avançada da ACM. Willian Morgan colocou uma rede muito semelhante à rede de tênis a uma altura aproximada de 1,90 m, e como bola utilizou uma câmara de bola de basquete e assim deu início aos primeiros movimentos do voleibol. Morgan se deu conta que a câmara da bola de basquetebol era muito leve, então encomendou uma bola, mais parecida com as atuais, à A. G. Spalding & Brothers, a qual se enquadrou com o que Morgan esperava.

Em 1896, Morgan foi convidado a participar da conferência de diretores de Educação Física da ACM, realizada na Universidade de Springfield, para demonstrar a modalidade criada. Formaram dois quadros, compostos cada um de cinco homens, para a exibição no ginásio. Morgan, por sua vez, deixou em aberto para quem quisesse dar sugestões sobre as regras da nova modalidade.

Segundo Marchi Júnior (2001), entre os anos de 1917 à 1922 o voleibol sofreu algumas mudanças em suas regras que são utilizadas até hoje, tais como: a altura da rede que passou de 2,28m para 2,43m no masculino; também foi estipulado um número de seis atletas/praticantes por equipe em quadra; o tamanho da quadra sofreu alterações, pois antes a mesma media 18,18m por 10,16m, passou a medir 18m por 9m; e foi estipulado o número máximo de três toques por equipe.

Por conta dessas padronizações, foi talvez que o voleibol começou a se propagar para outros países. Além dos Estados Unidos, a partir de 1900, o Canadá foi o primeiro país a adotar tal modalidade. Posteriormente essa prática foi desenvolvida em outros países como: Cuba, Japão, China e Filipinas. Na figura abaixo é possível observar com mais clareza algumas datas de chegada do voleibol em diferentes países:



Fig.4 Ano de chegada do voleibol em alguns países.⁸

Couvillon (2002 apud AFONSO, 2004, p. 38) afirma sobre o processo de expansão do voleibol:

Foi dentro de um perfil com características elitistas que o Voleibol se propagou, primeiramente, dentro dos EUA, depois para outros países e continentes. O primeiro país a recebê-lo foi o Canadá em 1900. Depois, introduzido em Cuba em 1906 por Augusto York, um oficial das forças armadas dos EUA. Hyozo Omori introduziu o Voleibol no Japão, em 1908, depois de frequentar o “Springfield College”, nos EUA, Omori foi para a ACM de Tóquio e começou este esporte em seu país nativo. Em 1918 o Japão organizou seu primeiro campeonato escolar. Na China, começou em 1911 com Max Exner e Howard Crokner, eles jogavam até 21 pontos com 16 jogadores de cada lado. No mesmo ano, Elwood Brown (diretor nacional de Educação Física da ACM) foi convidado pela Divisão de Trabalho Estrangeiro para ir para as Filipinas a fim de promover o Voleibol além mar, em apenas dois anos ele organizou os primeiros Jogos do Extremo Oriente, em Manila, com times representativos da China, Japão e Filipinas (COUVILLON, 2002 apud AFONSO, 2004, p. 38).

Na mesma época o voleibol começa a ser praticado na América do Sul, oficialmente no ano de 1910 no Peru. No Brasil há controvérsia sobre o início da prática do voleibol, sendo que alguns autores afirmam que tal prática foi iniciada em 1915 em Recife/Pernambuco e outros em 1916 na ACM de São Paulo. (AFONSO, 2004).

⁸ Figura retirada do livro, BIZZOCCHI, Carlos. O Voleibol de Alto Nível. 2ª ed. Barueri: Editora Manole, 2004.

O primeiro campeonato brasileiro de voleibol foi realizado entre os dias 15 de junho a 7 de julho de 1944. No gênero feminino participaram as seguintes seleções: gaúcha, paranaense, fluminense, carioca, paulista e mineira. A seleção mineira sagrou-se campeã em cima da paulista, com o placar de 2x0 (15x4, 15x7). Já no masculino participaram oito seleções sendo elas: gaúcha, catarinense, paranaense, mineira, baiana, fluminense, carioca e paulista. Invertendo-se as posições do feminino, os paulistas ganhando dos mineiros, com o placar do jogo decisivo de 2x1 para os paulistas, parciais de 15x7, 9x15 e 15x11 (REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1944).

Em 1946 foi fundada a Confederação Sul-Americana de Voleibol com sede no Brasil. Um ano depois, em 1947 foi fundada a Federação Internacional de Volleyball (FIVB) reunindo os esforços dos seguintes países: Brasil, Egito, França, Holanda, Hungria, Itália, Polônia, Portugal, Romênia, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Estados Unidos e Uruguai. Sete anos mais tarde, em 9 de agosto de 1954 foi fundada a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV). (BIZZOCCHI, 2004, p.8).

Segundo Bizzocchi (2004) o primeiro campeonato mundial realizou-se em Praga, na Tchecoslováquia, em 1949. O voleibol foi aceito como esporte olímpico em 1962, no congresso de Sofia.⁹ A primeira disputa em jogos olímpicos foi em Tóquio 1964, tendo a Rússia como campeã no masculino, ficando o Brasil em sétimo lugar e as japonesas sagrando-se campeãs no feminino.¹⁰

No final da década de setenta começou a escalada do voleibol brasileiro. Nesse período, as federações estaduais e a confederação brasileira começaram também a investir na formação de atletas e técnicos, promovendo cursos ministrados pelos maiores técnicos do voleibol mundial. Isso pode ser observado em Bizzocchi (2004, p.19):

Em 1975, o técnico Carlos Eduardo Albano Feitosa, depois de assistir às eliminatórias para os Jogos Olímpicos de Montreal, começou a introduzir, aos poucos, o sistema de jogo 5x1, já praticado em situações de jogo por algumas seleções, entre elas Cuba, Estados Unidos e México. No mesmo ano, Carlos Arthur Nuzman assumiu a presidência da CBV, implantando um novo estilo de direção, com um modelo administrativo mais moderno. Seguindo formulas que o Japão já adotava e que a Itália começava utilizar, Nuzman propôs uma participação inédita das empresas no voleibol brasileiro. A proposta consistia em investir no esporte contratando jogadores como funcionários da própria empresa, permitindo, assim, que eles treinassem em período integral. Houve, no início, certa resistência das empresas, que não viam muitas vantagens fiscais ou de marketing para investir no voleibol. Mesmo assim, Nuzman continuou colocando seus planos em andamento.

⁹ Outras fontes trazem também que o Congresso de Sofia foi realizado em 1957.

¹⁰ A primeira participação das brasileiras ocorreu nos Jogos Olímpicos de 1980 disputados na URSS obtendo um 7º lugar.

Lutou pela associação esporte-empresa e, visando ao crescimento técnico, enviou treinadores e jogadores ao Japão para um estágio de treinamento que antecedia os Jogos Olímpicos de Montreal. (BIZZOCCHI, 2004 p.19)

Nuzman (apud MARCHI JÚNIOR, 2001, p. 107) relata um momento histórico do voleibol, onde fala sobre a evolução da modalidade, passando do amador para o profissionalismo:

Nostalgia é sinônimo de piada no voleibol brasileiro. Ou alguém ainda tem saudade da época em que o jogador era obrigado a secar o uniforme em cima do abajur para não ficar sem roupa na próxima partida? Dos tempos da improvisação à era dos títulos, nosso vôlei transfigurou-se para melhor com uma receita infalível que inclui organização, craques, patrocínio e muito trabalho (NUZMAN apud MARCHI JÚNIOR, 2001, p. 107).

Dessa maneira fica claro que os dirigentes e atletas de voleibol adaptaram-se mais a fase de profissionalização do esporte, sem sentir muitas dificuldades. De acordo com Bizzocchi (2004), a fase de espetacularização do voleibol teve início no final da década de 70, com o surgimento de um campeonato italiano forte e bem estruturado, onde as equipes participantes eram clubes-empresas. Esses, por sua vez, começaram a contratar os melhores jogadores do mundo, entre eles alguns brasileiros. O mercado se abriu de vez para os brasileiros com a boa campanha realizada pela seleção nos Jogos Olímpicos de Moscou, 1980. O então presidente da CBV, Carlos Arthur Nuzman, começou a se preocupar com a saída dos jogadores brasileiros para o exterior, e juntamente com o Conselho Nacional de Desportos decidiram pela liberação de propagandas nos uniformes e quadras de voleibol. Outra medida foi (apoiados em uma regulamentação Esportiva Federal) proibirem a ida de atletas da modalidade para o exterior.

Para Bizzocchi (2004), é importante lembrar que a equipe, já existente, Pirelli com sede em Santo André resolveu investir ainda mais no voleibol. Com isso trouxe de volta alguns jogadores que estavam atuando na Itália. Para concorrer ao título com a Pirelli surge a Atlântica/Boa Vista¹¹. Ainda surgiram para fazer frente a essas duas equipes, as do Esporte Clube Banespa e Fiat/Minas Tênis Clube. Pela televisão o voleibol teve uma aceitação acima

¹¹ A equipe surgiu após uma conversa entre Antônio Carlos de Almeida Braga (Braguinha), amante do esporte e executivo da companhia de seguros Atlântica/Boa Vista e Carlos Arthur Nuzman. Emocionado com a vitória do Brasil por 3 sets a 2 contra a Polônia, válido pelos Jogos Olímpicos de 1980 em Moscou, o executivo perguntou a Nuzman o que faltava para que aqueles atletas voltassem a jogar no Brasil e porque o Brasil não possuía uma seleção capaz de manter aquele nível de performance. (MARCHI JR, 2004).

do esperado, com destaque para o narrador e comentarista esportivo Luciano do Valle que abriu espaço para divulgação do voleibol, apostando na modalidade.

Com o crescimento do voleibol, vários jogadores deixaram os clubes para irem jogar em equipes-empresas. Com isso vários clubes que antes eram a base do voleibol brasileiro perderam o espaço, pois não tinham condições financeiras de competirem com os então clubes-empresas, esses unidos reclamaram junto ao Conselho Nacional de Desportos e a Confederação Brasileira de Voleibol, sobre a condição de seus jogadores simplesmente deixarem o clube e irem para um clube com maior visibilidade.

Segundo Marchi Júnior (2001), a CND e a CBV intercederam nesse controle das empresas na questão do aliciamento dos atletas. Nuzman dizendo que não poderia frear o crescimento do voleibol brasileiro criou outras maneiras de contornar esse problema. O dirigente amenizou o prejuízo dos clubes, determinando que os clubes-empresas se filiassem e participassem obrigatoriamente de competições oficiais na categoria juvenil nas suas respectivas federações. Outra medida foi a de que o atleta deveria jogar um ano federado pelo seu clube formador antes de se transferir para uma equipe classista. Para selar de vez a paz na questão de profissionalização do voleibol, foi decidido que os clubes filiados receberiam patrocínios de empresas, juntando as duas partes envolvidas. Essa junção de clube e empresa viabilizou a manutenção de equipes de alto-rendimento, pois o dinheiro vinha de uma fonte de capital da iniciativa privada e a equipe usufruía da estrutura do clube, sendo ela física, administrativa e médica. Essas mudanças e rupturas logo renderiam seus frutos.

A primeira medalha do voleibol veio nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, aonde a seleção masculina chegou a uma inédita final contra a equipe dos Estados Unidos, obtendo a medalha de prata. Em 1992, a seleção brasileira de voleibol chegou em Barcelona para a disputa dos Jogos Olímpicos e o objetivo principal da equipe era ficar entre os cinco primeiros. O time contava com jovens como: Mauricio, Tande, Giovane, Marcelo Negrão, Carlão e Paulão. O Brasil ganhou todos os jogos na primeira fase, nas quartas de final alcançou seu objetivo, ganhando a vaga para uma das semifinais. Na semifinal o Brasil ganhou da equipe norte-americana e chegou a sua segunda final Olímpica, dessa vez contra a Holanda. Após a vitória sobre os holandeses, os torcedores receberam os campeões olímpicos no aeroporto. Como heróis nacionais, desfilaram em carro aberto pelas ruas de São Paulo, que literalmente parou para aplaudi-los. No Brasil, até aquela data, no que se refere a esportes coletivos, somente jogadores de futebol haviam recebido festa semelhante (BIZZOCCHI, 2004).

Logo após a conquista da medalha de ouro olímpica nos Jogos de Barcelona, os jogadores brasileiros foram muito valorizados e sofreram assédio de várias equipes do exterior. Nuzman tentou segurá-los nas equipes brasileiras, mas as propostas eram altas e os jogadores acabaram aceitando-as. Marchi Júnior (2001, p.182), sobre isso afirma:

Retomando a análise da conquista olímpica, alguns dos campeões olímpicos sucumbiram ao antigo desejo de atuar no campeonato italiano e, não menos, às convidativas somas oferecidas. O jogador Pampa já atuava na Itália antes da Olimpíada, assim como Renan, Carlão e o técnico Bebeto de Freitas, que estavam no Maxicono/Parma, da série A1. A eles juntaram-se Marcelo Negrão, que, inicialmente, foi para o Gabeca/Montechiari (depois Sisley/Treviso), Giovane para o Il Messagero (depois Edilcuoghi/Ravenna), Tande para o Mediolanum/Milan e Maurício para o Daytona/Modena. O único titular da equipe campeã a não se transferir para o Voleibol italiano foi o central Paulão. Nuzman não conseguiu conter o ímpeto dos jogadores nem competir com as propostas dos clubes da liga italiana, que giravam em torno de US 400 mil anuais, e ponderou: “Isso dói. Eu tenho de dizer a eles que podem ir. Não há como competir. Resta somente torcer por eles e trabalhar para o futuro. Mas essa geração poderá estar com a camisa da seleção brasileira em outros torneios importantes. Ela tem muito a dar (MARCHI JÚNIOR, 2001, p.182).

Em 1993, o Brasil consolidou sua posição de uma força no voleibol ganhando a 4ª edição da Liga Mundial. As finais da competição foram disputadas no Brasil. Com o fim do ciclo olímpico e a saída de alguns atletas, o Brasil não conseguiu repetir os resultados, não obtendo medalhas nos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996 e Sidney 2000. Com a saída de Bernardinho do comando da seleção feminina e seu ingresso na masculina o Brasil retorna depois de oito anos, em 2001 ao primeiro lugar, ganhando sua segunda Liga Mundial (BIZZOCCHI, 2004).

Em 2004, nos Jogos Olímpicos de Atenas o Brasil confirmou a sua posição de favorito conquistando seu segundo título olímpico. A seleção era formada por: Giba, Nalbert, Dante, Gustavo, Rodrigão, André Heller, Sergio, André Nascimento, Anderson, Ricardinho e dois remanescentes da medalha de ouro de 1992, Maurício e Giovane.

A seleção brasileira feminina conquistou o título de campeã do Grand Prix de 1994 e a medalha de bronze em 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta. A partir daí, o voleibol nacional atinge tamanha qualidade, e passa a vencer competições de nível internacional em todas as categorias de base. As seleções adultas também apresentam um alto padrão de rendimento, sendo a seleção masculina atual enecampeã da Liga Mundial e a feminina atual campeã olímpica.

Bizzocchi (2004) afirma que mesmo o esporte não tendo nascido em nosso país algumas das modificações nas regras foram elaboradas pelo Brasil (criação do líbero e sets

disputados em tie-break até 25 pontos sendo o último disputado até 15). Pode-se perceber que todas as mudanças nas regras do voleibol foram criadas para tornar o esporte mais dinâmico e universal, pois antigamente cada lugar (país ou cidade) tinha o seu modo de jogar voleibol.

Com as regras padronizadas e uma previsão de duração de jogo no sistema de tie-break conseguiu-se que a televisão aumentasse seu interesse pelas transmissões dos jogos ao vivo, pois puderam se organizar melhor em função dos horários. Além de obterem maior êxito com mudanças nas regras, deixando o jogo muito mais rápido e dinâmico o número de adeptos, patrocinadores e admiradores vêm aumentando gradativamente. Houve também a evolução dos materiais. A bola na origem da prática, por exemplo, era feita de uma câmara de bola de basquete, com o tempo mudou para couro e nos dias de hoje é feita de couro sintético o que facilita sua manipulação em jogo.

A seguir descreveremos os clubes e suas formas de organização. De modo a entender melhor como se organiza um clube e qual sua relação com patrocínio, sócios e atletas.

1.3 CLUBES SÓCIOESPORTIVOS

Dando continuidade ao estudo referente às formas de administração, focaremos agora nos clubes sócio-esportivos e sua organização. Para essa discussão tomamos como leitura auxiliar os textos de Galatti (2010), Libardi (1999) e Rodríguez Díaz (2008).

Barbanti (2003, apud Galatti, 2010) define clube como uma reunião de pessoas buscando os mesmos interesses, podendo este apresentar diversas áreas tais como: esportivas, recreativas, literárias entre outras.

Os clubes sócio-esportivos surgem com o intuito de promover o lazer e posteriormente é que o esporte foi inserido nesse meio. As primeiras aparições de clubes sócio-esportivos ocorreram na Inglaterra, assim como o esporte moderno. Sobre o surgimento dos clubes sócio-esportivos Galatti (2010) afirma que cavalheiros, na Inglaterra, se organizavam em associações visando interesses comuns, como práticas de atividades sócio-culturais, dentre elas o esporte.

No Brasil a maioria dos clubes tem uma motivação social, além da esportiva. O movimento dos clubes no Brasil teve início em atividades artísticas e intelectuais, organizadas principalmente por imigrantes que em seguida inseriram o esporte neste cenário (MELO, 2007, apud GALATTI, 2010). Clubes de futebol e de remo foram as primeiras organizações

de prática esportiva criadas no país, a partir do final do século XIX (COSTA, 1971, apud BASTOS, 2006).

Após esse período, os clubes assumiram definitivamente o papel de entidade de prática desportiva no país. A necessidade de organizar e gerenciar essa prática se refletiu em publicações a partir das décadas de 50 e 60, sugerindo modelos de regulamentos e estatutos, exemplos de estrutura organizacional (DAIUTO, 1952; XUNG, 1963, apud BASTOS, 2006). Sobre a organização dos clubes Ruiz (2010, p. 11) afirma que:

A forma restrita de interação social constitui-se através de uma dinâmica organizacional que estabelece, por meio de seus estatutos ou normas administrativas, moderações ao formato da convivência. Geralmente, instituídos em propriedades privadas com estrutura físico-arquitetônica para o consumo ou práticas de distintas formas e conteúdos socioculturais (RUIZ, 2010, p.11).

Sendo assim, a organização de um clube se dá através da regulamentação de normas e estatutos criados para que este não perca os seus ideais, missão e valores. Na maioria das vezes os clubes possuem sedes próprias para o desenvolvimento das atividades propostas pela instituição.

Os clubes podem ser organizados como abertos, que beneficiam não só os associados, mas também grupos que não pertencem ao clube. E fechados que favorecem somente membros da instituição (HEINEMANN, 1999, apud GALATTI, 2010), Como exemplo dessa leitura podemos citar o caso do Círculo Militar do Paraná, que se caracteriza como aberto, pois suas equipes de voleibol são em maioria composta por não sócios do clube.

Essas entidades, por sua vez, precisam ter uma infra-estrutura específica contendo espaços adequados à prática do esporte, tais como: quadras, piscinas, ginásios, campos etc. Para que haja manutenção de tais espaços, se faz necessário cobrar uma taxa ou mensalidade dos associados. A sustentação dos clubes é feita na maior parte pelo pagamento dessa taxa dos associados, os mesmos por sua vez esperam usufruir de vantagens, com melhorias. A respeito disso Ruiz (2007, p.60) nos mostra que:

Apesar da especificidade de cada um quanto à concepção e objetivos de criação, eles se identificam em diversos pontos como a clientela permitida a usufruir os benefícios das entidades contribui periodicamente através de uma taxa que geralmente é mensal, chamada comumente como TMD (Taxa de Manutenção e Desenvolvimento), onde para pertencer ao quadro associativo das instituições é necessária a aquisição de um título, estando vedada, em alguns casos, esta possibilidade às pessoas jurídicas. O pretendente é submetido a uma apreciação pelo quadro diretor com suporte a informações sobre a vida particular do interessado, como a pesquisa de possíveis antecedentes criminais ou estar respondendo a algum processo judicial. O proprietário do título adquire uma cota da empresa, ou seja, ele

se torna proprietário com direito a votar e ser votado; são dirigidos por profissionais de áreas diversas que dedicam, sem remuneração, seu tempo livre, para administrá-los, onde são, geralmente, eleitos pelo voto direto dos associados por tempo determinado (RUIZ, 2007, p.60).

Na legislação os clubes são classificados como instituições associativas podendo ser considerados como sociedade civil com personalidade jurídica sem fins lucrativos, descritos na Lei 10.406/2002 do Código Civil Brasileiro, Capítulo II, Das Associações (BRASIL, 2002).

Uma tipologia dos clubes foi definida por Libardi (1999), segundo as seguintes categorias: “Clubes Sócio-Culturais e Esportivos, Clubes de Campo, Clubes Temáticos, Clubes de Futebol (Profissionais/Amadores), Associações Desportivas Classistas”.

Por se tratar de um estudo de caso, cuja principal estrutura analisada é o Círculo Militar do Paraná, tendo como base a classificação tipológica levantada por Libardi, esta instituição caracteriza-se como um “Clube Sócio-Cultural Esportivo”, por ter como objetivos: atender as necessidades dos associados; executar práticas de Educação Física e esportivas; realizar atividades sócio-culturais; oferecer espaços de lazer e convívio social.

Analisando o esporte em caráter isolado nos clubes, podemos classificá-los segundo Rodríguez Díaz (2008, p.141):

Se puede hablar de clubes con prácticas intensivas en tanto que favorecen que haya menos deportistas pero que sean más competitivos. Lo contrario son los clubes con prácticas extensivas que fomentan que haya más deportistas pero menos preparados para la competición (RODRÍGUEZ DÍAZ, 2008, p.141).¹²

Para Galatti (2010) ainda existe uma terceira possibilidade, a qual é a junção de práticas intensivas e extensivas podendo assim, administrar uma equipe de elevado nível técnico e características profissionais tanto quanto equipes amadoras de diferentes níveis competitivos, ou ainda outros enfoques como: lazer, saúde, boa forma, qualidade de vida entre outros.

No Brasil muitos clubes, na década de 1980 e 1990, priorizavam a tradição e o esporte amador. Com o surgimento do esporte federado e sua profissionalização, os interesses dos clubes e a capacidade de organização começaram a divergir. Enquanto isso, outras organizações com condições de desenvolverem estruturas profissionais esportivas não as

¹² Pode-se falar dos clubes com treinos intensivos que favorecem menos esportes, mas são mais competitivos. Caso contrário, eles são os clubes com as práticas extensivas que incentivem os atletas mais e menos preparado para a competição.

promoviam, sendo caracterizadas como instituições amadoras (GALATTI, 2010). Para essa condição destaca-se que o esporte de alto-rendimento tem um custo muito elevado para a formação e manutenção de suas equipes. Além disso, os clubes somente com a receita proveniente de mensalidades ou taxas pagas por sócios não são capazes de sustentá-las, necessitando assim de patrocínio de grandes empresas, o que nem sempre acontece.

Para Rodríguez Díaz (2008) os clubes esportivos atualmente podem ser definidos por três indicadores: econômicos, políticos e esportivos. A área econômica se define por contar com as instalações e recursos que o clube oferece, também denominado como espaço social. O quadro político trata dos dirigentes e suas maneiras de gestão do clube, por exemplo, a relação com outras entidades, sejam elas, empresas ou o Estado. E por último o aspecto esportivo que está diretamente relacionado com as modalidades que o clube oferta e suas finalidades. Através destas classificações os clubes podem ser caracterizados, portanto, como elitistas ou populares, podendo alcançar diferentes classes sociais.

As estruturas organizativas podem variar conforme o clube e suas formas de gestão, mas frequentemente são utilizados, segundo Carvalho (2009), quatro órgãos principais: Assembléia Geral; Conselho Deliberativo; Diretoria Executiva e Comissão ou Conselho Fiscal. Esses quatro departamentos eleitos são responsáveis pela gestão do clube. A seguir descreveremos com base no estudo de Carvalho (2009) esses quatro departamentos.

Assembléia Geral: É o maior e principal órgão em um clube, elege o conselho deliberativo, fiscal e seus suplentes. Pode ser composto por sócios maiores de 18 anos, esses estando em dia com suas mensalidades e obrigações sociais.

Conselho Deliberativo: É o principal órgão administrativo. É composto por três cargos, são eles: presidência, primeiro secretário e segundo secretário.

Comissão ou Conselho Fiscal: Fiscaliza contas, balanços e balancetes executados pela Diretoria.

Diretoria Executiva: Está ligada a gestão do clube, é comandada por um presidente eleito pelo Conselho Deliberativo. Esse, por sua vez, escolhe os membros da Diretoria cuja qual ele vai coordenar. Dentre os cargos estão os de vice-presidente, secretário, diretor administrativo, diretor geral de esportes, diretor financeiro, diretor social e diretor de patrimônio.

Ainda compõem o clube os funcionários e os sócios. Aqueles são responsáveis pelas atividades desenvolvidas nos clubes tais como: aulas, treinamentos, eventos sociais e esportivos além de manutenção e obras do patrimônio. Já os sócios são freqüentadores do

clube, podendo ser divididos em duas categorias segundo Rodríguez Díaz (2008): passivos, são aqueles que não se envolvem em atividades esportivas, normalmente sendo a maioria, tendo maiores interesses em atividades sociais e lazer; ativos, são aqueles que praticam exercícios físicos, podendo ser competidores federados ou não.

De acordo com Galatti (2010), os eventos esportivos em sua maioria exigem uma grande estrutura para sua realização e essa estrutura muitas vezes ultrapassa a estrutura do clube sócio-esportivo. Nesse caso, o clube é somente a base para que tal evento venha a ser desenvolvido, seja através de equipes representativas ou por sediar o evento. Com isso o clube gera os bens públicos que são de domínio geral das pessoas, por exemplo, a sensação de pertencimento e conquista que toda uma determinada cidade tem com um título ou uma vitória de uma equipe de um clube da própria cidade. Dessa maneira sócios e não sócios podem usufruir de tal sentimento sem que sejam lesados. Some-se a essa análise que os clubes que oferecem ao público “equipes de alto-rendimento esportivo”, apresentam uma tendência maior quanto à geração de bens públicos, pois ficam caracterizadas por serem de determinada cidade, assim potencializando a ação de investidores e futuros investidores na região.

Com essa divulgação do clube e, além disso, se o próprio tiver relações comerciais bem organizadas com o Estado, o clube corre o risco de perder sua função original e afastar assim seus associados. Segundo Galatti (2010, p. 92) isso pode ser chamado de “problemas não previstos”:

É certo que quanto maior o clube e mais intensos seus relacionamentos externos com organizações comerciais e o Estado, maiores chances do clube ter sua função original modificada, correndo-se o risco do clube ser entidade institucionalizadora, que dita as normas para seus membros em detrimento de ser uma entidade que reflete com fidelidade os ideais de seus membros... Com isso, surgem os “problemas não previstos”, que podem desviar o curso da instituição, passando a ser necessário controle, emergindo as sanções para manter a autoridade dos interesses da instituição, sendo mais previsíveis os comportamentos quanto mais institucionalizada é uma sociedade, já que se inibe de forma coercitiva os significados subjetivos (e “desviantes”) do indivíduo (GALATTI, 2010, p. 92).

Heinemann (1999) destaca outra possibilidade de “problemas não previstos”, que são as relações comerciais entre o clube esportivo com outras instituições ou empresas, pois o clube passa a ser financiado pelos seus investidores e corre o risco de que seus associados fiquem em segundo plano, pois como o investimento vem de uma determinada empresa ou grupo os mesmos têm seus interesses priorizados. Isso pode acarretar na alteração da identidade do clube interferindo nos ideais do clube e dos associados.

Beneli, (2007, p. 115, apud Galatti, 2010, p. 95) afirma sobre o processo de profissionalização de clubes:

Diante da incapacidade em lidar com o processo de profissionalização, muitos clubes chegaram a deixar de oferecer a modalidade basquetebol, ao menos em nível de competição federada, pelas consequências negativas de relação com patrocinadores dentro dessa perspectiva predatória. Como evidência, Beneli (2007) destaca que desde 1986, quando o clube Monte Líbano conquistou o campeonato paulista especial masculino que um clube da capital não vence o torneio, sendo estabelecido a supremacia de resultados do interior, com um modelo baseado na dependência de um grande patrocinador. (BENELI, 2007, p.115, apud GALATTI, 2010 p. 95).

No voleibol ocorreram casos parecidos, por exemplo, o Clube de Regatas Flamengo que acabou com a equipe adulta, porque não teria condições de competir com a equipe Atlântica/Boa Vista, na questão financeira. Na época os melhores atletas do Flamengo preferiram as melhores ofertas financeiras do Atlântica/Boa Vista.

Para Beneli (2007, apud Galatti, 2010) os clubes sócio-esportivos apresentavam dificuldade para manterem-se nas competições organizadas pela federação. O clube naquele momento era a principal estrutura que desenvolvia equipes que eram federadas, sendo categorias adultas ou de base. Com essa saída das equipes adultas das competições profissionalizadas, houve também uma diminuição em categorias de base e essas, por sua vez, passaram a atender o menor número de atletas, o que gerou certa dificuldade na manutenção da cultura esportiva e de revelação de atletas.

Isso ocorre quando um clube não consegue competir com outro que seja patrocinado por uma grande empresa/instituição. Dessa forma, torna-se essencial um grande investidor em uma equipe. Caso esse investidor acabe a parceria com o clube, as categorias de base são imediatamente atingidas. Galatti (2010) afirma que os clubes mais tradicionais preferem se distanciar desses investidores para que não haja interesses dos mesmos e que esses modifiquem os ideais dos clubes. Com esse afastamento pode existir o risco de falta de clubes com equipes na iniciação e categorias de base, abrindo mão assim da organização de equipes adultas e conseqüentemente sendo esquecidas por investidores, mídia e boa parte da população.

Mesmo com essas mudanças na cultura esportiva nacional, como o surgimento de convênios entre clube e empresas do qual o caso do voleibol brasileiro é um caso exemplar, e determinados perigos provenientes de investidores, o clube sócio-esportivo ainda é o celeiro

de atletas. Desse modo os clubes juntamente com a federação regional responsável pela prática de tal modalidade devem-se fortalecer para que haja um maior número de praticantes.

Até aqui procuramos descrever alguns conceitos administrativos essenciais para a gestão e administração de clubes, assim como a história do voleibol e sua profissionalização no Brasil, além de descrições e formas de divisão de clubes sócio-esportivos.

Na sequência iremos descrever o clube Círculo Militar do Paraná, seu estatuto vigente, suas equipes e as categorias de voleibol assim como as entrevistas realizadas com os atletas. Também estabeleceremos uma discussão entre o referencial teórico estudado e as falas do atletas.

CAPÍTULO 2 – A ADMINISTRAÇÃO DO VOLEIBOL MASCULINO NO CLUBE CÍRCULO MILITAR DO PARANÁ

2.1 DESCRIÇÃO DO CLUBE CÍRCULO MILITAR DO PARANÁ

Nesse capítulo descreveremos o clube Círculo Militar do Paraná, sua estrutura física e administrativa, tais como seus objetivos e sua finalidade. A seguir iremos relatar um pouco da história do clube e seu estatuto. Traremos informações sobre o Círculo Militar do Paraná, as quais foram retiradas do próprio estatuto do clube por meio do site, pois em visita ao clube informaram-me que poderia acessar tal conteúdo de maneira mais fácil e rápida pelo site do clube.

O Círculo Militar do Paraná foi fundado em 10 de setembro de 1934, o clube surgiu de uma fusão de duas instituições: Círculo Militar de Curitiba e a Sociedade Paranaense de Tênis e Hipismo. O clube possui uma sede social e uma campestre, a social está localizada em Curitiba, no Estado do Paraná, no Largo Bittencourt, n. 187. Enquanto que a campestre está situada no município de Colombo, no Estado do Paraná.

Segundo o estatuto do clube Círculo Militar do Paraná, o mesmo tem como finalidade:

Promover o entrelaçamento e confraternização entre seus associados civis e militares; Proporcionar a seus associados reuniões compatíveis com essas finalidades, congregando civis e militares e integrando suas famílias na comunhão social, sob a égide da harmonia e compreensão; Propiciar atividades sociais, recreativas, esportivas, culturais, artísticas, campestres e outras; Promover o conagraamento com outras sociedades congêneres; Participar, quando solicitado, dos eventos cívicos patrocinados pelas Forças Armadas Brasileiras, pela Polícia Militar do Paraná e pelos poderes constituídos; Cultuar os vultos históricos Nacionais, Estaduais e Municipais; Cooperar com as entidades públicas e particulares de fins culturais, científicos, literários, artísticos, esportivos e promover assistência social; Manter, a critério da Diretoria Executiva, órgãos de prestação de serviços aos associados.¹³

Atualmente o Círculo Militar do Paraná filiou-se ao CONFAO¹⁴, dessa maneira o Círculo incorpora em seus objetivos e finalidades a formação e revelação de atletas. Quanto

¹³ Retirado do Estatuto vigente do Clube Círculo Militar do Paraná, Capítulo 1, Artigo 3º.

¹⁴ CONFAO: Conselho de Clubes Formadores de Atletas Olímpicos. A intenção do CONFAO é conseguir parte das verbas da Lei Agnelo/Piva – que atualmente destina ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) 2% da arrecadação de loterias federais – para o fomento do esporte de alto rendimento. Fazem parte da formação do

ao quadro social do clube, o mesmo é dividido em: Militares e Civis, denominados em A, B e B1, esses constituem o quadro de sócios efetivos. Os Militares são classificados como sócios categoria “A”, nessa categoria enquadram-se oficiais das Forças Armadas e das Polícias Militares de forma geral, independente se da ativa, reserva remunerada ou reformados. Os civis podem ser classificados na categoria de sócio “B” ou “B1”. Os classificados como “B” são sócios admitidos na forma e condições estabelecidas sobre o estatuto vigente. Já os classificados como “B1”, são filhos(as) de sócios, que ao completarem 21 anos de idade, desejam se associar ao clube.

Ainda existem outras duas modalidades de sócios, sendo elas: Sócios transitórios, ou seja, “Temporários” e “Atletas”; e sócios destacados, subdivididos nas categorias “Remidos”, “Honorários”, “Beneméritos”, “Especiais” e “Cônsoles”.

Sobre os direitos dos associados, o atual estatuto do Círculo Militar do Paraná mostra que é direito do associado, desde que com as obrigações em dia, tais benefícios:

Ingresso, juntamente com seus dependentes, às sedes do Círculo; Acesso às instalações esportivas, excetuando os locais reservados às equipes concorrentes e aos dirigentes das competições, durante as realizações destas; Acesso às dependências sociais, exceto aquelas reservadas ao funcionamento da administração e de serviços; Prática de todos os esportes oferecidos pelo Círculo, mediante a correta e obrigatória utilização das instalações apropriadas para cada atividade esportiva; Solicitar credenciais para seus convidados, na forma do Regimento Interno; Requerer ausência, dentro das condições do Estatuto e do Regimento Interno; Votar e ser votado para os cargos eletivos, respeitadas as restrições estatutárias. Para poder votar e ser votado, o eleitor deverá fazer parte do quadro associativo há pelo menos 6 (seis) meses antes das eleições e estar em dia com as mensalidades, observado o Art. 51¹⁵. Participar dos poderes sociais, quando eleito ou convidado, na forma estatutária; Freqüentar festas, solenidades e outras atividades que se realizarem nas dependências do Círculo, exceto as de caráter estritamente particular e as atividades realizadas por locação, autorizadas pela Diretoria Executiva; Participar das Assembléias Gerais, respeitadas as exigências estatutárias; Utilizar-se, no exercício de seus direitos, dos recursos previstos neste Estatuto; Indicar à Diretoria Executiva nome de candidatos aos diplomas de “Sócio Benemérito” e “Sócio Honorário”, em petição formalizada com o necessário apoio de outros sócios das categorias “A”, “B”, “B1”, Especiais letras “a” e “b”, Remidos Honorários Sócios e Beneméritos em número não inferior a 100 (cem) sócios; Requerer, através da Diretoria Executiva, a convocação de Assembléia Geral, em caso excepcional, com a subscrição de 20% (vinte por cento) de sócios das Categorias “A”, “B”, “B1”,

Conselho Nacional de Clubes Formadores de Atletas Olímpicos, a Sogipa, Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama, Corinthians, Grêmio Náutico União, Minas e Pinheiros. Retirado do site do CONFAO.

¹⁵ Artigo 51 - Os candidatos à eleição deverão ainda satisfazer aos seguintes requisitos: a) Ser sócio, no mínimo há dois anos, se candidato aos Conselhos; no mínimo, há cinco anos, se candidato à Presidência; e no mínimo há três anos, se candidato às Vice-Presidências do Círculo, computando-se todos os períodos que passou como sócio, mesmo que alternados, observando o disposto na letra “g” do Art. 15. Para os cargos de Presidente, 1º e 2º Vice - Presidentes da Diretoria Executiva os candidatos deverão, obrigatoriamente, ser Oficiais Gerais ou Oficiais Superiores das Forças Armadas. b) Não ter sofrido penalidade, exceto admoestação verbal, nos últimos dois anos; c) Estar quite com a tesouraria do Círculo. Parágrafo Único: os prazos estabelecidos neste artigo serão contados na data de inscrição da chapa.

Especiais letras “a” e “b”, Remidos, Honorários e Beneméritos, declarando, expressamente o motivo da convocação; Propor, discutir e defender, perante o Poder Social competente, qualquer matéria de interesse do Círculo, observadas as restrições estatutárias; Propor a admissão de novos sócios, desde que pertença às categorias “A”, “B”, “B1”, Especiais letras “a” e “b”, Remidos Honorários Sócios e Beneméritos e Cônsules.¹⁶

Os deveres dos associados de acordo com o estatuto do clube são:

Manter-se quite com a tesouraria do Círculo; Acatar as disposições estatutárias e regimentais, bem como as demais deliberações dos Poderes Sociais; Respeitar os membros da Diretoria Executiva, assessores e representantes, membros dos Conselhos e da Administração do Círculo, bem como os demais funcionários; Guardar o decoro e o respeito mútuo em qualquer dependência do Círculo; Portar e exibir, obrigatoriamente, à Portaria do Círculo, aos membros da Administração, aos Diretores Executivos e Assessores que a solicitarem, a identidade social e os documentos comprobatórios de sua situação quite com a tesouraria; Zelar pela conservação dos bens patrimoniais do Círculo, e empenhar-se para que os outros também assim o façam, indenizando o Círculo pelos prejuízos apurados, de sua responsabilidade ou de seus dependentes; Manter atualizado na secretaria seu endereço residencial, cadastro pessoal e familiar; Contribuir, na medida do possível, para o engrandecimento do Círculo e para a consecução de seus objetivos; Manter irrepreensível conduta moral e social em todas as dependências do Círculo; Propor à Diretoria Executiva, por escrito, medidas e sugestões que julgar necessárias e proveitosas ao interesse do quadro social; Aceitar, se for de seu desejo, os encargos, cargos, funções ou comissões para que for indicado; Abster-se, nas dependências do Círculo e em qualquer circunstância, de promover manifestações e ou discussões de caráter político-partidário, religioso ou de natureza pessoal; Proceder, quando solicitado, a entrega de sua identidade social, acatando o recolhimento desta quando se verificar atraso em sua mensalidade, suspensão, exclusão ou a ocorrência de qualquer anormalidade que justifique este recolhimento.¹⁷

Após a descrição de categorias e divisão dos sócios, direitos e deveres dos mesmos em relação ao clube Círculo Militar do Paraná iremos avançar no capítulo discorrendo sobre a forma de divisão administrativa da instituição analisada. Relacionando com o capítulo 1, no qual foi descrito os clubes sócio-esportivos, o Círculo Militar do Paraná segue a mesma linha de administração apontada por Carvalho (2009), onde a administração clubística é dividida em quatro órgãos principais: Assembléia Geral; Conselho Deliberativo; Diretoria Executiva e Comissão ou Conselho Fiscal, mantendo-se as mesmas funções administrativas.

Quanto à forma de arrecadação e despesas do clube, o estatuto traz detalhado todas as formas a seguir. A arrecadação do clube é realizada por quantias recebidas provenientes de jóias, mensalidades, taxas e multas; Locações e arrendamentos das dependências e instalações sociais e esportivas; Estabulações de animais pertencentes aos sócios do Círculo;

¹⁶ Retirado do Estatuto vigente do Clube Círculo Militar do Paraná, Capítulo 5. Artigo 15º.

¹⁷ Retirado do Estatuto do Clube Círculo Militar do Paraná, Capítulo 15, Artigo 16º.

Indenizações diversas; Ensino de atividades culturais, artísticas, educacionais e esportivas; Prestação de serviços aos sócios; Doações e outras rendas eventuais; Estacionamento de veículos; Recursos oriundos de Órgãos Públicos; Receitas oriundas de operações financeiras. As despesas do Círculo Militar do Paraná se compõe pelo pagamento de salários, encargos, gratificações e indenizações previstas em lei, aos seus empregados; Pelo pagamento de prestações de serviços eventuais por terceiros; Pelo pagamento de impostos e taxas estabelecidas por Lei; Pelos gastos nas festividades sociais, solenidades, exposições, manifestações artístico - culturais, diversões e competições esportivas; Pela execução de planos de obras, aprovados; Pelas reparações, ampliações ou melhorias do patrimônio social; Pelas despesas com o funcionamento das diretorias e suas divisões; Pela compra de bens que a Diretoria Executiva, através de seu Presidente, julgar necessária efetivar, objetivando o bem estar e o conforto dos sócios; Pela aquisição de material de expediente, de limpeza e diversos; Pelas verbas de representação oficial do Círculo; Pelas despesas oriundas de operações financeiras.

Quanto à estrutura física, o Círculo Militar do Paraná conta em sua sede social com espaços como: 2 ginásios cobertos: Major Severo e Palácio de Cristal, este sendo o principal e contendo uma quadra poliesportiva, vestiários, banheiros e arquibancadas, enquanto que no outro a estrutura conta com 3 quadras, sendo 2 destinadas a prática de voleibol e 1 a prática de basquetebol e futsal e 2 vestiários. Além dos ginásios o clube conta com quadras abertas, sendo elas de tênis, vôlei de praia, futebol de areia e quadras poliesportivas, piscinas cobertas e descobertas, sala de jogos, área para prática de lutas, área para a prática de esgrima, sala de musculação, além de outros espaços para outras práticas sociais tais como, churrasqueiras, salões de festas e áreas ao ar livre.

2.2 DESCRIÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DAS CATEGORIAS DO VOLEIBOL NO CÍRCULO MILITAR DO PARANÁ

Nesse subcapítulo iremos descrever as categorias de voleibol, sua organização e principais regras. Como referencial teórico para desenvolvimento desse tema, utilizaremos o Regulamento dos Campeonatos Regionais da Federação Paranaense de Voleibol¹⁸.

¹⁸ Disponível no site da Federação Paranaense de Voleibol. <http://www.voleiparana.com.br>.

As categorias, segundo a Federação Paranaense de Voleibol, são divididas em: Mini, petiz, pré-mirim, mirim, infantil, infanto-juvenil, juvenil e adulto. As idades de cada categoria podem ser visualizadas na tabela a seguir:

CATEGORIAS	IDADE
MINI	12
PETIZ	13
PRÉ-MIRIM	14
MIRIM	15
INFANTIL	16
INFANTO-JUVENIL	17
JUVENIL	18
ADULTO	ACIMA DE 18

Tab. 1. Classificação das categorias a partir da faixa etária.¹⁹

A categoria mini não se apresenta na forma de competição, mas sim de festival, onde todos são premiados com medalhas, visando à motivação e participação dos atletas.

As principais regras da categoria mini são: Altura da rede 2 metros para o feminino e 2,10 metros para o masculino; o sistema de jogo adotado é o 4x4 sem troca de posições, o saque deve ser feito somente por baixo, o bloqueio deve ser simples e o jogador que saca não pode executar ações de ataque e bloqueio; o tamanho da quadra é menor sendo de 7 metros por 7 metros; as partidas são disputas em set único de 15 pontos sem substituições durante o mesmo.

Na categoria petiz, as principais regras são: Altura da rede sendo 2,24 metros no masculino e 2,10 metros no feminino; o saque e o bloqueio não sofrem alterações em relação à categoria mini; o treinador responsável pela equipe deve substituir três atletas do 1º para o 2º set, se sua equipe contar com um número de atletas entre nove e quinze. Caso esse número seja de oito atletas o mesmo deve efetuar duas trocas, e se contar com sete atletas será efetuada apenas uma troca. Essa regra visa à participação de todos os integrantes da equipe; a Federação Paranaense de Voleibol divide os campeonatos dessa categoria em quatro etapas, sendo que nelas o levantamento deve ocorrer da seguinte forma: 1ª etapa, o levantamento deve ser realizado pela posição três. 2ª etapa, o levantamento passa a ser executado pelo jogador que está na posição dois. 3ª etapa, o levantamento pode ser feito por ambas as

¹⁹ Fig. 5. Elaborada pelo autor. A idade apontada na tabela deve ser completada durante o ano vigente.

posições (dois ou três). E na 4ª e última etapa o levantamento passa a ser executado pela posição dois e o sistema de jogo que anteriormente era o 6x6 passa a ser o 4x2 simples (sem infiltração).

A categoria posterior à petiz é a pré-mirim, esta utiliza o sistema de jogo 4x2 (sem infiltração); a altura da rede é de 2,30 metros no masculino e 2,15 metros no feminino; passa a ser permitido o saque por cima, desde que o mesmo não seja efetuado com salto; o bloqueio pode ser duplo e o ataque continua sendo efetuado somente pelos jogadores que estão na rede; a regra de substituições aplicada na categoria anterior também continua valendo nessa categoria.

Na categoria mirim a altura da rede é de 2,35 metros no masculino e de 2,20 metros no feminino; o sistema de jogo, o bloqueio e o saque passam a ser livres; nessa categoria é permitido o uso de líbero e o ataque de fundo. A partir dessa categoria a única mudança que ocorre para as demais categorias, é a altura da rede, sendo ela de 2,40 metros na categoria infantil masculino, e de 2,24 na categoria infantil feminino, essa torna-se a altura padrão da rede feminina nas demais categorias. Enquanto que nas categorias infanto-juvenil, juvenil e adulta masculina a rede atinge a altura de 2,43 metros.

Como podemos observar nos parágrafos anteriores o voleibol é jogado com regras mais simplificadas e mais inclusivas nas categorias iniciais, tornando-se mais dinâmico e com maior complexidade de regras ao longo do tempo. Conforme os atletas vão passando pelas categorias mais novas para as mais velhas, os mesmos deparam-se com maior número de regras e essas, por sua vez, são aplicadas com maior rigor. Baseando-se nas regras das categorias podemos observar que o voleibol tem caráter de inclusão, onde o mesmo proporciona que todos os atletas participem do jogo. O voleibol torna-se competitivo de maneira excludente ao passar das categorias, por exemplo, quando a troca de jogadores já não é mais uma regra, possibilitando a equipe que coloque em quadra o que ela possui de melhor sem substituições necessariamente. Outro fator é a evolução do sistema de jogo, com a experiência que os atletas vão adquirindo ao longo do tempo através da prática do voleibol, as equipes passam a utilizar sistemas de jogo, nos quais os atletas possuem posições específicas, com isso, ocorre à especialização de atletas em uma determinada posição, a partir disso o voleibol começa a formar atletas. Da categoria mirim em diante os atletas começam a disputar campeonatos de nível interestadual e a compreender a estrutura do voleibol, deixando de ver o voleibol somente na sua cidade e a “descobrir” outras equipes no país. Ao passar dos anos nas decorrentes categorias os melhores atletas são convocados para defenderem as

seleções de suas cidades, estados e países. Com isso surgem vários convites de equipes de outras cidades e estados para que os atletas, com maior destaque, ingressem nas mesmas. Esse fato geralmente ocorre nas categorias infanto-juvenis e juvenis.

Pensando em frear esse fluxo de atletas do voleibol curitibano para outras cidades o Círculo Militar do Paraná desenvolveu um programa de ação social, onde o mesmo tem como missão a participação na construção da cidadania dos atletas por meio de aspectos culturais, sociais e esportivos. O projeto visa melhorar as condições dos atletas de alto-rendimento do clube, dando condições para que os mesmos possam dedicar-se de maneira mais efetiva aos treinamentos e competições. As melhorias são realizadas por meio de benefícios como transporte, alimentação, bolsa de estudos e acompanhamento social.

Outra medida empregada na gestão do voleibol do clube em relação aos atletas foi a criação do Manual do Atleta do Círculo Militar do Paraná. Esse manual possui os direitos e deveres dos atletas, como os mesmos devem portar-se dentro do clube e quando estão representando a instituição, além de um breve histórico do clube. Por não se tratar de um clube exclusivamente esportivo, mas de um clube sócio-esportivo é de suma importância que os atletas representem bem o clube, para que não haja diminuição no número de sócios por fatos ocorridos e para que sócios e atletas possam conviver em harmonia.

O Círculo Militar do Paraná disponibiliza aos atletas uniformes para treino, jogo e viagem além de custear as viagens e competições que previamente constam no planejamento do clube e/ou forem aprovadas pela diretoria da instituição.

Todas essas melhorias como a criação do Projeto Social, bolsas de estudo entre outras foram retiradas do Manual do Atleta do Círculo Militar do Paraná.

O clube possui como tradição, a organização de um campeonato denominado Internacional do Círculo Militar do Paraná, esse conta com equipes convidadas do Brasil, Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai e Bolívia. O campeonato é disputado nas dependências do próprio clube e os atletas são alojados nas casas dos atletas do Círculo Militar e das outras equipes participantes de Curitiba, proporcionando um intercâmbio cultural. Essa boa relação com equipes de outros países proporciona aos atletas do clube que disputem a Copa Providência realizada na cidade Santiago, Chile. O torneio é realizado em janeiro e os atletas do clube ficam hospedados na casa dos atletas anfitriões. A disputa desses campeonatos caracteriza-se como experiências de conhecimento e troca cultural.

2.3 O FLUXO DE ATLETAS DO VOLEIBOL CURITIBANO PARA OUTROS SUBCAMPOS: DESCRIÇÃO DE ALGUMAS TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS

No primeiro momento nesse subcapítulo serão relatadas na íntegra as entrevistas realizadas com quatro atletas que atuaram no Círculo Militar do Paraná e deixaram o clube para defenderem outras equipes. Na segunda parte iremos estabelecer algumas conexões entre as falas dos agentes e a discussão ensaiada nos capítulos anteriores, com o objetivo de confirmar ou, até mesmo, refutar a hipótese anteriormente levantada. A entrevista foi de modelo semi-estruturada e consistia em os atletas relatarem sua trajetória no voleibol baseados em três questionamentos.

Optou-se por transcrever as entrevistas na íntegra, para que não se perdessem nenhuma fala dos atletas, pois caso fossem usados recortes ou falas isoladas dos entrevistados, essas poderiam estar corroborando com a hipótese levantada no início do estudo.

As entrevistas foram realizadas por meio de vídeo-conferência com dois atletas, pois os atletas entrevistados não residem em Curitiba, enquanto que com os outros dois atletas foi feita entrevista presencial, onde se fez uso de um gravador. Posteriormente as entrevistas foram transcritas. As três questões norteadoras que foram indagadas aos entrevistados consistiam em o mesmo contar sua experiência com o voleibol no Círculo Militar do Paraná, comentar como foi sua transferência do voleibol curitibano para seu atual clube e como poderia relacionar a estrutura do Círculo Militar do Paraná e a do seu atual clube, comentando quais são elas. Segue abaixo as quatro entrevistas realizadas na íntegra.

Entrevistado 1, 21 anos, atleta profissional de voleibol, atualmente joga pela equipe do BMG/ São Bernardo.

1. Fale sobre sua experiência com voleibol no Clube Círculo Militar do Paraná.

Tive uma passagem muito curta pelo Círculo Militar do Paraná, mas aqui em Curitiba foi onde cresci, minha base foi toda aqui, no Rexona e no clube, e foi muito importante porque os técnicos, os profissionais aqui são muito bons, eles têm iniciação. Foi onde eu me formei, até ir pro Banespa. Aqui eu fiz categoria pré-mirim, mirim, tudo quanto é categoria possível, até o infante-juvenil. Que foi quando eu me transferi pro Banespa, mas antes disso eu peguei seleção de Curitiba, seleção paranaense, tudo aqui no Paraná depois eu mudei para

São Paulo. Eu tinha 14, 15 anos quando treinei no Círculo. Lá eu treinei com o Pedrão, foi uma época muito boa, a equipe era muito forte e jovem.

2. Comente sobre sua transferência do voleibol curitibano para o lugar onde treina hoje.

Eu fui por falta de opção, no momento a melhor estrutura que eu tinha era o Banespa. Foi até por isso que eu fui pra lá, porque se fosse pela gente a gente fica aqui no Paraná até hoje. Mas daí eu fui para o Banespa, cheguei lá na categoria infanto-juvenil e me destaquei, lá eu joguei na categoria juvenil no mesmo ano e daí já fiquei no juvenil. No ano seguinte fui treinar com a equipe adulta. Treinava no adulto, mas não jogava. Daí depois eu comecei a ficar mais fixo com a equipe adulta, só jogava as finais do juvenil e voltava pro time adulto. Já fazem 5 anos que eu estou em São Paulo, quando eu fui para lá fazer o teste foram sete meninos, passaram quatro, dois do Círculo e dois de Maringá. O teste lá é de acordo com o que eles precisam, de acordo com a categoria. Se eles precisam de uma posição eles te chamam, eles já são olheiros, especializados nisso. Eles rodam os campeonatos inteiros, brasileiros etc. E o teste é muito simples, são quatro dias. Você faz os fundamentos básicos e depois vai para a parte coletiva, se você se destacou eles te chamam. No primeiro dia eles já avaliam o toque e manchete e quem não vai muito bem eles cortam, e têm muitos também que você fala: poxa, não sei porque que esse não passou! No terceiro e no quarto dia já são os que vão ficar mesmo. No segundo dia é mais coisa de jogo, 3 contra 3 com ataque de fundo. Ai depois começa a parte de coletivo, ai eles vão selecionando, cada dia tem as etapas. Mas sempre é mais coletivo que você vai fazendo e eles vão te passando. Ai quando você passa eles pegam seus dados, documentos, tudo certinho. Ai você vai pra casa e só se apresenta no começo da temporada, daí você faz todos os exames, peso, altura, daí depois da iniciação faz pré-temporada também, que é muito legal. É na praia, a gente fica lá uma semana, é legal até pra conhecer a equipe, todo mundo. Daí depois quando volta já começa o campeonato paulista. A gente mora em um apartamento, é dividido. Mas cada um tem seu quarto, seu espaço. Tem alimentação, eles pagam plano de saúde, material de treino, agasalho, joelheira, tênis, meia, tudo. Essa parte do plano de saúde é legal, porque a gente sempre tá fazendo exames, é rotina, a gente faz todo começo de temporada, desde exame de sangue até raio-x. A gente tem acompanhamento médico, de nutricionista, psicólogo e fisioterapeuta.

3. Como você poderia relacionar a estrutura do Círculo Militar do Paraná e do seu atual clube?

De estrutura para você ter uma idéia, de todos os técnicos que estão lá dois são paranaenses, o Magoo e o Rubinho. Se for por técnico, não é isso, porque a gente tem bons técnicos. Se fosse por isso Curitiba teria time tranquilo. Estrutura muito menos, teve o Rexona que teve uma equipe de alto-nível, então não é por falta de material humano, tiveram muitos jogadores que saíram daqui e todo mundo comenta que sai porque não tem time mesmo. Até esse ano vai ter time em Londrina, mas não sei como que vai ser, mas sinto falta de um time em Curitiba, porque os ginásios aqui são bons pra caramba, acho que o que falta mesmo aqui é incentivo do governo ou de algum patrocinador bom para apoiar mais. Aqui o ginásio é grande, mas é tipo a estrutura do Círculo. A quadra é de madeira, o ginásio é da prefeitura, a arquibancada é grande, os vestiários são bons, a sala de musculação é embaixo das arquibancadas a fisioterapia também e o departamento também. É tudo perto, aonde a gente mora é perto também.

Entrevistado 2, 22 anos, atleta profissional de voleibol, atualmente atleta do BMG/ São Bernardo.

1. Fale sobre sua experiência com voleibol no Clube Círculo Militar do Paraná.

Eu comecei em meados de 2002, com o Pedrão no Círculo Militar do Paraná, mas também freqüentava o Rexona, fazia aulas com o Alex. Joguei aqui em Curitiba no mirim e no infantil, pra falar a verdade mal jogava, mas fiquei pouco tempo jogando em Curitiba, no final de 2003 eu já estava fazendo teste do Banespa.

Na verdade quando sai daqui era muito bruto, eu evolui bastante antes de ir pra São Paulo em um ano e meio com as aulas no Rexona e os treinos no clube, peguei uma base boa. Até mesmo porque comecei um pouco tarde a treinar, só tinha um pouco de vivência no voleibol pelas aulas na escola que são bem básicas, então tinha que correr atrás do prejuízo. Mas eu não tinha muito nível pra estar jogando, ou pegar seleção.

2. Comente sobre sua transferência do voleibol curitibano para o lugar onde treina hoje.

Primeiro queria um lugar que me desse mais estrutura, como colégio e grana, porque meus pais não estavam numa situação financeira boa e aí eu queria me virar sozinho.

Então, lá pro final de 2003 eu estava conversando com a piaçada do time, sobre times grandes e etc. Alguns me falaram que em São Paulo tinha um campeonato forte e que muitos times pagavam pra jogar, daí combinamos que iríamos ao Banespa fazer o teste. E daí se não passássemos iríamos a outros clubes. A gente tinha que passar em algum. Mas aí foi chegando à data do teste e todo mundo foi desistindo. Como eu já tinha pedido pros meus pais e corrido atrás de tudo eu resolvi ir sozinho, mesmo com todos os técnicos falando que eu era muito novo. Daí entrei em contato com o Clube Hebraíca e marquei teste lá na mesma semana que o do Banespa.

Daí cheguei no teste do Banespa. No primeiro dia fiquei impressionado com o tanto de gente, todo mundo esperando no ginásio esperando pra fazer o teste. Daí nos separaram por idade e eu fui fazendo os teste e fui passando. Mas até aí nenhuma surpresa porque ainda faltava um monte pra ser aprovado. Daí no segundo dia passei também, aí me deu um frio na barriga, porque eu sabia que no terceiro dia era decisivo. Na manhã do terceiro dia eu passei por todos os testes de quadra e só faltavam os exames médicos e psicológicos, aí eu vi o que era estrutura de verdade, um time com médico, psicóloga e fisioterapeutas a disposição. Tudo era novo pra mim, o tempo todo eu descobria alguma coisa nova. E no final do terceiro dia eu passei. Demoro um pouco pra cair a ficha. Aí como prêmio eles levaram a gente pra ir ver um jogo de superliga ao vivo. Os caras todos enormes, descendo a porrada pra tudo quanto é lado, saltando pra caramba, foi a primeira vez que eu vi um jogo masculino de alto-nível. Aí eu pensei, caramba será que um dia eu consigo jogar assim também? Com jogo passando na TV?

Era uma coisa que eu nunca tinha visto em Curitiba, quando eu ia assistir o Rexona nunca era televisionado e aquilo tudo me chamou a atenção. Fiquei muito empolgado, aí voltei pra casa e curti umas longas férias e em fevereiro me apresentei pro clube. Daí em diante o bicho pegou, treinos muito mais pesados do que em Curitiba, musculação, uma cobrança enorme. Estranhei porque nunca tinha sido muito cobrado em Curitiba, eu era esforçado, mas não tinha essa cobrança. E aqui não importa se você joga a muito ou há pouco tempo, você tem que render, tem cobrança por parte da comissão técnica, dos seus companheiros e de você mesmo. Porque aqui todo mundo sabe que no final do ano rolam os cortes. Mas consegui jogar bastante no meu primeiro ano, os titulares tinham ido pra seleção e ficaram por lá quase meio ano, aí deu pra eu aproveitar a chance e evoluir bastante e na reunião do final de ano eu sobrevivi ao corte. Os técnicos me explicaram que eu era um investimento pra três ou quatro anos e que não era para eu ficar preocupado ou chateado por

não estar jogando e que eu tinha que procurar evoluir o máximo. Ai nos anos seguintes consegui manter a evolução e fui sobrevivendo aos cortes.

Em 2007 eu cheguei no adulto, treinava com eles direto e participei de alguns jogos. 2008 foi meu último ano de categoria de base. E quando acabou o ano fizeram uma reunião e eu não ia ficar pro time adulto. Fui pra casa e depois de alguns meses fechei contrato com a equipe de Araraquara, um time bem menor em termos de investimento e estrutura, mas achei que seria uma boa experiência e teria mais oportunidades de jogar a superliga, fiquei lá uma temporada. Ai esse ano o Santander, antigo Banespa acabou e o pessoal da comissão técnica conseguiu montar uma nova equipe mantendo os atletas da base. Eles entraram em contato comigo e fechamos por uma temporada.

3. Como você poderia relacionar a estrutura do Círculo Militar do Paraná e do seu atual clube?

Bom em relação à parte física do time temos um dos melhores ginásios em relação a amortecimento do piso, manutenção, agora musculação, refeitório é normal.

Em relação aos técnicos, o Rubinho tem muita experiência, foi técnico das categorias de base da seleção brasileira e agora ele é auxiliar do Bernardinho. Tem a equipe de estatística também que é muito boa.

Mas acho que isso de estrutura tem mais relação com os objetivos né? Aqui tem mais investimentos, pelo fato de disputar campeonatos maiores a nível nacional, então acaba exigindo uma estrutura melhor. Para o Círculo não falta muito, o ginásio é bom, o clube tem uma academia muito boa, só precisaria de mais materiais, tipo caixote, bolas e um bom investidor, com certeza o que falta é investimento. Em Curitiba mesmo é um lugar com muito potencial pra um time de superliga e seria um bom lugar pra eu jogar, eu ia estar perto da minha família dos meus amigos. Isso é um diferencial, sem dúvidas é um incentivo a mais.

Entrevistado 3, 20 anos, ex-atleta de voleibol.

1. Fale sobre sua experiência com voleibol no Clube Círculo Militar do Paraná.

Então, eu comecei a fazer escolinha no Rexona quando tinha 8 anos. Um dia fui chamado pra fazer uma peneira no círculo, mas quando cheguei lá era só para atletas de 1989 e eu nasci em 1990, mas mesmo assim fui aprovado porque eles quase não tinham jogadores 90, isso já era no final do ano de 2003. Em 2004 com o final da equipe do Santa Mônica todos os atletas vieram para o Círculo e eu comecei a treinar com eles, foi então que o Ricardinho

me colocou para ser levantador. Na época eu era o quinto levantador e no final de 2004 eu já era o quarto, mas não dava muita importância para jogar voleibol. No ano de 2005 continuei sendo reserva, mas era o segundo levantador, mas como era o reserva e jogávamos muito pouco durante o ano eu nunca entrava. Em 2006, o Círculo iniciou um convênio com o Colégio Dom Bosco, o Ricardinho saiu do clube levando toda a equipe 90 para o Colégio Expoente sendo eu o único da equipe a continuar no Círculo, por que havia recebido uma bolsa no Dom Bosco. Então eu comecei a treinar na categoria 89 com o Pedrão e na minha categoria com o Ronei, sendo o ano em que comecei a ser titular na minha categoria, no final do ano eu já tinha ganhado a vaga de titular no time mais velho, nesse ano eu fui pra seleção de Curitiba. Ai eu comecei a gostar de verdade do vôlei, foi o ano que evolui muito, porque foi o primeiro ano que joguei como titular. 2007 não foi um ano tão bom quanto 2006, fiquei no banco boa parte do ano na minha categoria, mais mesmo assim fui para a seleção de Curitiba e no final do ano, como boa parte dos atletas de último ano de infanto-juvenil fui pra São Paulo fazer teste, porque também estava brava por ter passado boa parte do ano no banco sendo que eu jogava melhor que o outro levantador no qual eu era reserva só na minha categoria pois do time infanto eu era o levantador que subia para jogar no adulto.

2. Comente sobre sua transferência do voleibol curitibano para o lugar onde treina hoje.

O primeiro time em que fui fazer teste foi São José dos Campos, apesar de ter feito um bom teste não fui aceito porque era baixo, o levantador que foi pego tinha 1,95 enquanto eu tinha 1,85, mas continuei fazendo testes em outros times, fui a São Caetano, mas também não fui aceito porque eles já haviam fechado com um outro levantador. Então fui fazer teste em Americana que era minha última esperança e daí passei lá. Foi ai que sai do Círculo Militar, porque no ano seguinte não teria mais competições na minha categoria e também porque eu perderia a bolsa no Dom Bosco.

3. Como você poderia relacionar a estrutura do Círculo Militar do Paraná e do seu atual clube?

Quando comecei a treinar em São Paulo no time de Americana, logo vi que ali era outra realidade, lá não se jogava para ganhar uma bolsa de estudo, ou porque o clube oferecia regalias como o Círculo. Lá o nível dos atletas era bem superior tanto no nível técnico como físico e também o nível de maturidade era bem maior pelo fato de ser muito mais sério, pois quase todos que jogavam lá eram de cidades diferentes, o vôlei já passava a ser uma profissão.

No começo eu senti muito a mudança, pois estava fora de casa e as situações da comida e de moradia não eram das melhores, mas logo me acostumei e não passou mais a ser um incômodo, em relação à estrutura do clube não se pode comparar muito lá, no Círculo tinha umas três quadras boas para treinar e academia própria e sempre tinha muitas bolas para treinar e quase sempre eram novas. Mas em Americana a realidade era bem diferente, lá não era um clube que oferecia as mesmas regalias que o Círculo, lá era um time da prefeitura, administrado pelo próprio técnico, ele tinha que correr atrás de tudo, patrocínio, essas coisas. Pois manter um time em São Paulo não é fácil, é um campeonato que precisa de muito investimento a maioria dos jogadores eram de fora da cidade, então tinha toda a questão de moradia e alimentação de duas equipes (infanto-juvenil e juvenil) na qual eu jogava nas duas categorias. Para se manter uma equipe em São Paulo tanto na questão de competitividade das equipes e na questão financeira é bem mais difícil que aqui em Curitiba, vários jogadores no meio do ano largavam o time por que era muito estressante, era um campeonato muito longo, eram 12 equipes no infanto-juvenil e 10 no juvenil, sendo turno e retorno e mais oitavas-de-final, semifinais e finais melhor de cinco partidas, e ainda jogávamos jogos da juventude, regionais e abertos. Tinha ocasiões que eu viajava quatro vezes na semana e não eram viagens curtas, tinham umas quatro equipes que ficavam a 5 horas de viagem. Enquanto no Círculo os melhores campeonatos que disputávamos era a Taça-Paraná e o Internacional do Círculo Militar do Paraná, que duravam poucos dias, e durante o ano havia campeonatos muitos fracos e sempre jogávamos entre 3 ou 4 equipes de Curitiba mesmo, isso é um dos motivos do que não faz o vôlei de Curitiba ser melhor do que é. O Círculo sempre teve uma estrutura muito boa, mas nunca tinha campeonatos para jogar e um dos grandes culpados disso é o próprio clube, pois o Círculo sempre convidava os melhores jogadores das equipes mais fracas pra jogar por eles, fazendo com que as equipes mais fracas ficassem mais fracas ainda ou acabassem. Em 2009 surgiu a oportunidade de treinar em uma equipe na Itália lá vi tudo o que eu tinha no Círculo, Na Itália tinha uma estrutura ótima, eles também têm vontade de fazer um campeonato bom, tem uma mentalidade esportiva muito mais avançada do que em Curitiba, é parecida com a de São Paulo, lá tinha muitas equipes e quase todas as equipes eram competitivas. Quando voltei para o Brasil voltei para Americana e esse ano fui convocado para a seleção paranaense, para mim foi um sonho realizado jogar um campeonato brasileiro. Em 2010 resolvi parar de jogar vôlei e estudar, pois apesar de estar bem como atleta e de ter propostas para jogar em algumas equipes não vi uma boa perspectiva em ser jogador de vôlei e também estava cansado da rotina de treinos e campeonatos.

Entrevistado 4, 19 anos, atleta profissional, atualmente atleta do Sada/Cruzeiro Volei.**1. Fale sobre sua experiência com voleibol no Clube Círculo Militar do Paraná.**

Então, eu comecei jogando nas escolinhas do Rexona, lá no ginásio do Tarumã. Fiquei lá em 2002 e 2003. Dai em 2004 resolvi ir pro Círculo pra jogar mais campeonatos e evoluir mais treinando com meninos melhores. Para minha sorte naquele mesmo ano o Ricardinho (técnico do Círculo) tinha acabado de sair do Santa Mônica e ido para o Círculo Militar, levando todos os seus atletas nascidos em 1989 e 1990 que eram muito bons. No 1º ano eu só treinava, mas jogamos um campeonato que eu me lembro, uma Copa Joinville, nós ganhamos, mas eu mal entrava pra sacar. Eu era o 5º levantador do time na época, jogavam 2 já que o sistema de jogo era 4x2. Não existia líbero na categoria ainda, minha atual posição.

Em 2005 na equipe 90 eu comecei a treinar de líbero, mas os campeonatos ainda não permitiam o uso do líbero. Então eu não fui pra nenhum campeonato naquele ano com os 90, e no nosso time 91 eu jogava de ponta, mas era bem fraco o time, perdíamos todos os jogos, aí nesse ano jogamos uma Copa Círculo 89, os meninos nascidos em 1989 foram campeões e a gente meninos nascidos em 1990 ficamos em 3º lugar, eu joguei esse campeonato de líbero. Foi meu 1º campeonato na posição. Essa foi a época que eu cheguei no Círculo daí depois sai de lá porque o Círculo fechou uma parceria com o Dom Bosco e o Ricardinho era professor do Expoente, então ele conseguiu lugar pra gente continuar com a nossa equipe no Paraná Clube. Os 89 ficaram no Círculo com o Pedrão e os 90 foram com o Ricardo. Foi o ano que comecei a aparecer, joguei todos os campeonatos 89 e 90 de líbero e no 91 eu virei levantador, por falta de opção mesmo. Aquele ano fomos campeões infantil no 91 da Taça Paraná e no 90 ganhamos tudo em Curitiba, mas sempre perdíamos pra Maringá nos campeonatos do estado. Esse ano foi minha primeira seleção de Curitiba.

No ano de 2007 eu fui pro Positivo, porque não conseguiram aumentar minha bolsa de 50% no Expoente e tava difícil de pagar. O Positivo ofereceu bolsa integral e montou um time bacana também e fui pra lá. Nos campeonatos 91 ganhamos tudo em Curitiba também, e no estadual ficamos em 3º atrás de Maringá e de Medianeira, já nos 90, a gente perdia para o Paraná sempre. Nesse ano foi minha primeira seleção Paranaense. Em 2008, eu conversei com o Ricardinho e pedi pra voltar a ser atleta dele, ele tinha voltado para o Círculo e esse ano foi só alegria. Ganhamos tudo praticamente, Taça Paraná, Estadual, Colegial e ainda fui campeão brasileiro com a seleção paranaense. Sendo atleta do Círculo eu tive minha primeira

convocação pra Seleção Brasileira, mas não fiquei nesse ano, fui cortado. Aí em 2009 eu me transferi pra São Caetano, em São Paulo.

2. Comente sobre sua transferência do voleibol curitibano para o lugar onde treina hoje.

Eu já tinha decidido que ia parar de jogar voleibol quando acabasse o ano de 2008, tava decidido a estudar, fazer faculdade. Já não estava tão empolgado com o vôlei e tinha passado na Universidade Federal do Paraná em Educação Física. Já estava tudo certo para eu começar a estudar, mas daí o Percy (técnico da Seleção Brasileira) veio para Curitiba ver a Taça Paraná e me convocou novamente para a Seleção. Aí eu me apresentei e os treinos começaram em janeiro, o mundial era só em agosto, eu fui cortado em junho, fiquei entre os 14, daí lá por março o técnico do São Caetano me ligou e perguntou se eu não queria ir para lá, ele me fez uma proposta, como eu tinha sido convocado para a seleção de volta eu estava bem motivado e isso me fez sonhar em jogar profissionalmente de novo. Então aceitei e fui pra São Caetano. Em julho já tava jogando o Campeonato Paulista, terminamos a temporada em 4º lugar. Mas o nível era muito bom mesmo, valeu pelo aprendizado. Aí esse ano o Sada de Minas Gerais me procurou e por eles terem uma estrutura melhor eu fui para lá e estou muito feliz no Sada.

3. Como você poderia relacionar a estrutura do Círculo Militar do Paraná e do seu atual clube?

O Círculo tem uma ótima estrutura, ginásio grande, bons profissionais, fisioterapia, sala da musculação, embora precise ser ampliada para os atletas, bolsa de estudos entre outros benefícios. Estrutura para ter um time na superliga eles tem, o que falta é o capital pra investir em atletas de alto-nível. O Sada, onde eu estou, tem um ginásio próprio, é só para o vôlei, o piso é o usado na superliga, taraflex. O ginásio é no clube Cruzeiro, e no próprio ginásio já tem a sala de fisioterapia, musculação, sede administrativa, então é uma coisa do lado da outra, tudo concentrada, os apartamentos para os atletas são do lado do clube, a estrutura é excelente. Mas o ginásio não tem arquibancada, então ele só serve para treinos. O time manda seus jogos em cidades próximas como Betim e Itabira, lá o povo lota os ginásios sempre pra acompanhar a nossa equipe.

Com base nas falas dos agentes entrevistados e no que foi tratado nos capítulos anteriores será estabelecido uma tentativa de conexão buscando listar e analisar pontos de concordância e discordância para responder o problema de pesquisa, bem como o entendimento de que se as formas de administração do Círculo Militar do Paraná influenciam no fluxo de atletas de voleibol para outros estados e cidades.

Analisando as falas dos 4 atletas, fica evidente que todos iniciaram sua trajetória no voleibol nas escolinhas do antigo Rexona, no ginásio do Tarumã e posteriormente seguiram para o Círculo Militar do Paraná, onde deram continuidade ao aprendizado da modalidade e integraram a equipe esportiva do mesmo. Com o passar dos anos esses atletas disputaram vários campeonatos pelo clube e chegaram a seleções metropolitanas, estaduais e até a seleção brasileira como foi descrito na trajetória do entrevistado de número 4. Como incentivo, o Círculo Militar tem uma parceria, até os dias de hoje, com uma instituição de ensino da capital, onde são ofertadas bolsas de estudo e ensino de qualidade aos seus atletas, como vimos anteriormente no capítulo que trata sobre a descrição e administração das categorias do voleibol no Círculo Militar do Paraná.

Segundo o entrevistado 1 a iniciação feita em Curitiba é de excelente qualidade. O entrevistado 2, cita que evoluiu muito antes de chegar a São Paulo, mostrando que a base é de fundamental importância na composição do atleta, e que isso é muito bem realizado em Curitiba e conseqüentemente no Círculo Militar do Paraná. Isto fica evidente quando observamos na fala dos atletas 1, 2 e 4 a rápida ascensão dos mesmos às equipes adultas de seus clubes.

Dos 4 entrevistados somente o de número 2 saiu na categoria infantil e os outros 3 atletas deixaram a cidade de Curitiba na categoria infanto-juvenil. O atleta número 3 afirma que saiu de Curitiba porque não teria mais o benefício da bolsa de estudos na instituição conveniada ao Círculo Militar do Paraná, por isso resolveu tentar outras equipes em São Paulo atrás de benefícios e de maior número de campeonatos, pois o mesmo afirma que em Curitiba e no Paraná não são disputadas muitas competições. Ele ainda conclui em sua fala que todos os atletas acabam migrando para o Círculo quando convidados pela comissão técnica para ingressarem no clube, por se tratar de uma equipe forte e sólida no cenário do voleibol curitibano, enfraquecendo assim as demais equipes. Podemos comparar esse fato ao que foi citado no capítulo que trata sobre o histórico do voleibol, onde os jogadores que eram de

outras equipes acabavam migrando para uma equipe maior atrás de benefícios ou maiores salários, enfraquecendo os campeonatos regionais.

Outro fato levantado pelo atleta número 3 é a falta de equipes, pois o mesmo citou que no voleibol paulista a categoria infante tinha 12 equipes e no juvenil 10. Já na Itália o campeonato contava com a participação de várias equipes. Esse mesmo atleta continua afirmando que o voleibol nesses dois locais era muito bem organizado com vários campeonatos para disputa ao decorrer de todo o ano. Esse fato não ocorre em Curitiba onde o atleta número 3 cita a falta de equipes e de campeonatos.

O Círculo Militar do Paraná tem como maior parceiro nas equipes de voleibol uma instituição de ensino, assim como as demais equipes de Curitiba. Dessa maneira muitas das equipes não ofertam times nas categorias adultas, pelas instituições parceiras não demonstrarem interesses. A partir disso muitos atletas enxergam a categoria infante-juvenil como a última categoria expressiva na cidade de Curitiba e quando chegam a ela deparam-se com a dúvida de jogar profissionalmente ou praticar o voleibol sem pretensões profissionais. Motivados pelo sonho de ser profissionais, tendo assim sua independência financeira e a realização pessoal de um sonho os atletas entrevistados 1, 2 e 4, afirmam que deixaram a cidade pela falta de um time e pela busca desse sonho. Os atletas 1 e 2 em suas falas evidenciam a vontade de jogar novamente em Curitiba perto de suas famílias e de seus amigos. Já o atleta 1 ainda cita que sente falta de uma equipe de voleibol em Curitiba.

O atleta de número 2 em uma de suas falas comenta que a estrutura do seu clube em São Paulo é maior do que a do Círculo Militar do Paraná pelos objetivos das duas instituições, visto que a equipe do BMG/São Bernardo disputa campeonatos maiores e de nível nacional enquanto que o Círculo não apresenta uma equipe profissional. Esse movimento, por sua vez, acaba despertando os interesses de investidores e com isso a estrutura acaba sendo maior e mais bem organizada, caracterizando assim na equipe do BMG/São Bernardo traços de uma administração profissional, onde os resultados são priorizados, enquanto que no Círculo por não haver grandes patrocínios e um objetivo de equipe profissional, fica caracterizado traços de administração amadora.

Dessa maneira retomando o capítulo referente às formas de administração podemos evidenciar que o planejamento, objetivos, direção e controle do Círculo Militar são diferentes dos da equipe paulista. Fica evidente que o investimento e a estrutura devem ser proporcionais ao objetivo. Para atrair um bom investidor é necessário, como vimos no capítulo sobre

administração, que o clube crie um planejamento bem estruturado com objetivos grandes, mas possíveis de serem cumpridos, tanto para ele mesmo quanto para os investidores.

Para os atletas 1 e 4 a estrutura do Círculo Militar do Paraná é considerada satisfatoriamente boa. Já os entrevistados 2 e 3 apesar de também citarem a estrutura clubística do Círculo como sendo boa, constataam que o clube precisa de ajustes e algumas melhorias para que possa abrigar uma equipe de alto-nível.

Como foi tratado no capítulo sobre clubes sócio-esportivos é de suma importância que a entidade possua estrutura adequada para atender as necessidades de seus associados. Na descrição do Círculo Militar do Paraná no capítulo 2, citamos a estrutura clubística do clube, que apresenta 3 quadras próprias para a prática do voleibol, além de sala de musculação, vestiários e alojamentos. Os atletas de número 4 e de número 1 apresentam em suas falas a importância de toda essa estrutura estar agrupada. Essa estrutura poderia ser mais desenvolvida se houvesse interesse de um grande investidor, tendo assim base para um time de alto-rendimento, como citam os agentes 1, 2 e 4. Já o atleta número 3 que possui experiências no voleibol italiano afirma que a estrutura do Círculo se assemelha muito a estrutura que encontrou na Itália e que quando jogava na cidade de Americana no estado de São Paulo encontrou uma estrutura pior do que a do Círculo, mesmo estando mais perto do grande pólo do voleibol brasileiro. Ele afirma que não encontrava condições como materiais de treinamento tão bons quanto os do Círculo Militar e que o treinador da equipe era quem buscava de patrocínios e investidores para manter o clube, pois o mesmo diz que para manter um clube em São Paulo, onde há um campeonato bem organizado e muito mais forte do que o de Curitiba é muito mais difícil do que manter uma equipe aqui.

De acordo com os entrevistados a estrutura do Círculo Militar do Paraná é tida como boa, mas analisando as falas dos próprios atletas e baseado no capítulo que trata sobre a estrutura do clube, podemos ver que existem diferenças entre as estruturas dos clubes defendidos atualmente pelos mesmos e o Círculo Militar do Paraná. Apesar de os entrevistados citarem as duas estruturas clubísticas como boas, os mesmos apresentam em suas falas indícios de diferenças na estrutura física e humana. Como podemos observar na entrevista do atleta número 1, quando este relata que faltam materiais como bolas, caixotes entre outros. Já o atleta número 4 cita como diferencial o piso do ginásio, que no seu clube atual é o utilizado na Superliga.

Por isso como vimos anteriormente no capítulo de administração é de suma importância a elaboração de um organograma onde as tarefas sejam divididas. O técnico deve

desempenhar somente tarefas que lhe competem deixando questões como patrocínios e investidores para o departamento administrativo. Esse é um diferencial apresentado pelos atletas entrevistados 1 e 2, que citaram que no BMG/São Bernardo, assim como em outras equipes existe uma comissão técnica com vários cargos com funções específicas além de preparadores físicos, psicólogos, fisioterapeutas e médicos que estão sempre a disposição dos atletas e da comissão.

Para que haja uma equipe dessa magnitude, a disposição dos atletas e da comissão o investimento torna-se grande e só haverá retorno se o clube disputar competições de alto-nível em escala nacional com um grande patrocinador. Deste modo, torna-se inviável ao Círculo Militar a manutenção de tal equipe com tais cargos. Mas para uma equipe de alto-nível que disputa campeonatos em nível de Superliga e possui grandes investidores se faz necessária uma estrutura que possui traços de uma administração profissional.

Outro aspecto significativo que apresenta diferenças entre traços de administração amadora e profissional são os benefícios oferecidos pelos clubes, tais como moradia, alimentação, plano de saúde, assistência médica, materiais de treinamento e uso particular, além de um salário pago aos atletas, conforme o entendimento dos atletas 1, 3 e 4. Para que o clube possa proporcionar esses benefícios e direitos como o salário aos atletas o mesmo deve contar com recursos, sejam eles de parceiros, patrocinadores ou mensalidades pagas pelos associados como vimos no capítulo que trata sobre os clubes sócio-esportivos. Essa oferta de benefícios caracteriza-se como uma forma de administração profissional e visa o rendimento e resultados para que haja continuidade em todo esse processo. O Círculo Militar do Paraná, por sua vez, propicia aos atletas materiais de treino e benefícios como auxílio transporte, almoço no clube entre outros. Apesar de possuir essas medidas o Círculo não conta com um grande investidor e, dessa forma, se caracteriza como clube onde se fazem presentes traços de administração amadora visto, inclusive, que seus atletas não têm contratos profissionais e nem muito menos recebem salários para treinarem.

É evidente, portanto, que a falta de um patrocinador no voleibol curitibano, em especial no Círculo Militar do Paraná, prejudica a formação de futuros atletas, pois como foi visto no capítulo sobre clubes sócioesportivos, o clube ainda é o maior formador de atletas e é através deles que sairão a maioria dos jogadores profissionais. Desse modo, é importante que clubes e federação se unam para que haja um número maior de praticantes e para que os investidores se sintam atraídos a investir em clubes e equipes de voleibol.

As falas nas entrevistas devem ser consideradas, mas também relativizadas, pois não se deve tomar o que foi dito nas mesmas como verdades absolutas. Os entrevistados possuem determinado envolvimento com o Círculo, podendo assim não enxergar a realidade e as reais diferenças existentes entre seu atual clube e o clube formador, no caso, o Círculo Militar do Paraná.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que haja uma boa administração dos clubes sócio-esportivos é necessário que exista um planejamento e uma organização adequados, que sejam condizentes ao orçamento existente. A partir disso, o planejamento deve se desenvolver traçando objetivos e um caminho a se seguir. O trabalho deve ser dividido em áreas e tarefas para que o resultado seja otimizado e seja feito no prazo determinado no objetivo e com custo mais baixo.

Na década de 1980, o voleibol aderiu a esses conceitos administrativos e percebeu a importância de um bom planejamento. Com isso ocorreu o surgimento de várias equipes profissionais dispostas a investir no esporte. Ao longo do tempo esses investidores uniram-se a clubes seguindo o modelo italiano de clubes-empresas no voleibol. Esse modelo é utilizado até os dias de hoje no Brasil. Com isso o voleibol cresceu e ganhou espaço na mídia, confirmando o posto de segundo esporte do Brasil.

No presente trabalho foi desenvolvido um estudo do clube Círculo Militar do Paraná e sua estrutura. A questão norteadora do estudo referiu-se ao fluxo de atletas de voleibol para outras equipes bem como para o entendimento de que se essa estrutura clubística exerceu alguma influência sobre o referido fluxo. Dessa maneira através do estatuto do clube pôde-se perceber que o mesmo não tinha como um de seus objetivos a criação e manutenção de uma equipe de alto-rendimento no voleibol. No entanto, com a entrada do clube ao CONFAO (Conselho de Clubes Formadores de Atletas Olímpicos), o mesmo incluiu como objetivo a formação e revelação de atletas, visto, por exemplo, que nomes como Giba foram revelados no clube.

Para que o Círculo Militar do Paraná desenvolva uma equipe profissional, no primeiro momento, a diretoria do clube deve consultar seus associados, conforme discutimos no capítulo 2 e com a aprovação dos mesmos o clube estará apto a criar uma equipe, pois, nesse caso, os sócios estarão cientes e de acordo que seus direitos no clube não serão afetados. Em seguida, o clube deve desenvolver um projeto para atrair investidores com o mesmo objetivo do clube.

Segundo as entrevistas realizadas com atletas de voleibol, o Círculo Militar do Paraná possui uma estrutura classificada como boa, mas para a execução de uma equipe profissional, precisa de melhorias, tanto físicas como administrativas. Todos os atletas citam em suas falas

que para o Círculo o maior entrave é a falta de investimento. Com uma grande empresa/patrocinador muitas dessas melhorias poderiam ser realizadas. Além de benefícios como salários, plano de saúde, transporte, moradia e estrutura como médicos, fisioterapeutas, psicólogos e preparadores físicos. Dessa maneira, podemos constatar que a falta de investimento de empresas no clube torna-se o maior obstáculo para a criação de uma equipe. Outro aspecto que talvez não atraia os investidores para o Círculo Militar do Paraná é a ausência no estatuto de algo relacionado a criação de uma equipe de alto-rendimento e profissionalismo. Além disso, o esporte no estatuto do clube é visto como forma de lazer e diversão sem fins lucrativos. Agora com a entrada do clube ao CONFAO o mesmo passa a ter como objetivos a revelação de atletas de alto-nível, mas não a criação de equipes profissionais. Dessa maneira o que falta para que exista uma equipe profissional para o clube é uma empresa disposta a investir e que o clube também tenha interesse nesse projeto.

A criação de uma equipe de voleibol profissional em Curitiba seria de suma importância como foi relatado nas falas dos atletas entrevistados. Pois, os admiradores e praticantes do voleibol sentem falta de uma equipe de alto-rendimento, com uma equipe profissional a cidade de Curitiba voltaria para o mapa do voleibol nacional profissional. Os atletas demonstraram desejo em voltar a atuar na cidade de Curitiba, pois como os mesmos dizem aqui eles receberam toda a base e começaram no voleibol. Os entrevistados ainda citam que muitos técnicos e atletas nascidos e formados em Curitiba estão trabalhando em outros sub-campos do voleibol e os mesmos acabam saindo por não terem a oportunidade de treinarem ou participarem de equipes de alto-rendimento em Curitiba. Podemos notar através das falas dos atletas que os mesmos acabam deixando a cidade de Curitiba para buscarem maior visibilidade – um “lugar” ao sol - e ingressam em equipes de outras cidades e estados na busca do sonho de se tornarem atletas profissionais, com maior independência financeira e reconhecimento nessa carreira de atleta de voleibol profissional.

Através de algumas falas dos atletas podemos perceber que os mesmos saem do Círculo Militar do Paraná para outras equipes em busca de interesses próprios. Comparando com outras equipes e outros atletas, podemos perceber que muitos acabam migrando para outros clubes devido a propostas profissionais melhores ou até mesmo por promessas de melhores remunerações. Ou seja, muitos atletas acabam usufruindo da estrutura do clube e quando o clube não pode contribuir mais em sua formação os mesmos trocam de clubes, o que reforça a idéia de que não existe mais a era romântica no esporte, pois não só no voleibol, mas em outros esportes tanto o clube quanto os atletas estabelecem uma relação de interesses.

Esse trabalho visou mostrar a estrutura clubística do Círculo Militar do Paraná e se a sua de organização e forma de administração influenciaram na saída dos jogadores analisados nas entrevistas. A pesquisa desenvolvida faz-se importante para outros estudos da área. Para as próximas produções a cerca do tema, seria interessante que os outros clubes de voleibol de Curitiba também fossem analisados além de outras estruturas, como a Federação Paranaense de Voleibol e suas formas de administração do voleibol paranaense.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Paulo Henrique. **Administração: um estudo elementar**. Brasília, 2007.
- BASTOS, F. da. C; BARHUM, R. A; ALVES, M. V; BASTOS, E. T; MATTAR, M. F; REZENDE, M. F; MARDEGAN, M; BELLANGERO, D. Perfil do administrador esportivo de clubes socioculturais e esportivos de São Paulo/Brasil. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, 2006. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/remef/article/viewFile/1296/1001>>. Acesso em: 18 abr. 2010.
- BIZZOCCHI, C. **O voleibol de alto nível da iniciação à competição**. 2ª ed. Barueri: Editora Manole, 2004.
- BOIA, A. **Vôlei de Base pelo Brasil a Fora – Paraná**, São Paulo, fev., 2009. Disponível em: <<http://www.melhordovolei.com.br/colunas.asp?coluna=65>>. Acesso em: 18 de abril de 2010.
- BOJIKIAN, J. C. M. **Ensinando Voleibol**. Guarulhos: Phorte Editora, 1999.
- BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo?** In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp.136-153.
- BRASIL. Secretaria de Educação Física e Desportos. **Educação Física e Desportos**. 1985.
- BRASIL, 2002. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10406.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2010.
- CAPINUSSÚ, José Maurício. **Teoria Organizacional da Educação Física e Desportos**. São Paulo: IBRASA, 1979.
- CARAVANTES, G. R. **Teoria Geral da Administração: pensando e fazendo**. Porto Alegre: Editora Age, 1998.
- CARVALHO, B. L. P. **Associativismo, Lazer e Esporte nos Clubes Sociais de Campinas**. 2009. 203f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações**. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 5. ed. São Paulo: Makron Books, 1997.
- CONFAO. Disponível em: <<http://www.cbc-clubes.com.br/novo/conselhos/confao/>>. Acesso em: 13 ago. 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/cbv2008>>. Acesso em: 18 abr. 2010.

COSTA, L. Clubes esportivos e recreativos. **Atlas Do Esporte, Educação Física e Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil**, 2004. Disponível em: <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/151.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2010.

CURITIBA, Círculo Militar do Paraná. Disponível em: <<http://www.circulomilitardoparana.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2010.

DA COSTA, Lamartine Pereira. **Noções de administração para profissionais da educação física e dos desportos**. Brasília, Departamento de Documentação e Divulgação, 1979.

GALATTI, Larissa Rafaela. **Esporte e clube sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de estudo de caso em clube esportivo espanhol**. Campinas, 2010. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

GIL, A. C. **Como Classificar as Pesquisas**. Disponível em: <http://www.professordilson.pro.br/omono/Classificação_de_Pesquisas.doc> Acesso em: 17 jan. 2010.

GIL, A. C.; LICHT, R. H. G.; OLIVA, E. C. A Utilização de Estudos de Caso na Pesquisa em Administração. **Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**. São Leopoldo, jan/abril 2005. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_base/ultima_edicao/08_art_gil.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2010.

HEINEMANN, K. **Sociología de Las Organizaciones Voluntarias: el ejemplo Del club deportivo**. Tirant to Blanch: Valencia, 1999.

MARCHI JR, W. O Processo de Ressignificação do Voleibol a partir da Inserção da Televisão no Campo Esportivo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas: 2005. Disponível em: <http://vsites.unb.br/fef/midia/downloads/processo_de_resignificacao_do_voleibol_apartir_da_tv.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2010.

MARCHI JR., W. **“Sacando” o Voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2004.

MARTINS, D. C. M. **Abordagem Sócio-Técnica**. 2006. Disponível em: <<http://doramartins.com/Doc/Abordagem%20Sociotecnica.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2010.

MATOS, E; PIRES, D. Teorias administrativas e organização do trabalho: de Taylor aos dias atuais, influências no setor saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto**. Florianópolis, vol.15, n. 3, jul./set., 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072006000300017&lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2010.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**. São Paulo, v. 1, n. 3, 1996, p. 1-5. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.r/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2010.

PARANÁ, Federação Paranaense de Voleibol. Disponível em: <<http://www.voleiparana.com.br>>. Acesso em: 08 out. 2010.

PIRES, L. M. T; BINI, I. C; FERNANDES, W. V. B; SETTI, J. A. P. Lesões no ombro e sua relação com a prática do voleibol. **Revista Científica Internacional**, Curitiba, Ano 2, n. 10, nov./dez, 2009. Disponível em: <<http://www.interscienceplace.org/index.php/interscienceplace/article/viewFile/153/123>>. Acesso em: 18 abr. 2010.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. O campeonato de voleibol Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná. São Paulo: v.8, 1944. P. 13-16.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A. **El Deporte em La Construcción Del Espacio Social**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS), 2008.

RUIZ, M. **Lazer nos Clubes Sócio-Recreativos de Curitiba/PR: a constituição de práticas e representações sociais**. Curitiba, 2007. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, 2007.

SOUZA, J. R. **Introdução geral à administração**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://br.librosintinta.com/biblioteca/verdoc/www.fortium.com.br/faculdadefortium.com.br/joenir_rodrigues/material/2472.doc.htm>. Acesso em: 18 abr. 2010.

SOUZA, J; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma Sociologia Reflexiva do Esporte: Considerações Teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Revista Movimento (ESEF/UFRGS)**, América do Norte, 16, dec. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/10496>>. Acesso em: 15 abr. 2010.

UNILEVER. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.unilevervolei.com.br/equipe-volei/nossa-historia>>. Acesso em: 18 abr. 2010.